

UM HOMEM GASTO

(episódio da história social do XIX século)

L. L.

UM HOMEM GASTO
(episódio da história social do XIX século)



Ferreira Leal, Lourenço, 1850-1914.

Um homem gasto: episódio da história social do XIX século / Lourenço Ferreira Leal. –

1ª ed. – CDP, 2023.

113 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-75061-4

1. Literatura brasileira. I. Título. II. Coleção.

CDD-B869

UM HOMEM GASTO

Copyright © 2023 OBRA EM DOMÍNIO PÚBLICO

CDP – Coleção Domínio Público

Capa: gerada por IA.

Edição e revisão: Warley Matias de Souza.

COLEÇÃO DOMÍNIO PÚBLICO

A Coleção Domínio Público tem o objetivo de resgatar escritores e escritoras do passado, esquecidos(as), pouco divulgados(as) ou atualmente não publicados(as).

Em relação aos critérios de seleção das obras, para nós basta que as mesmas estejam em domínio público e que os(as) autores(as) sejam desconhecidos(as) ou pouco conhecidos(as) pelo grande público leitor.

Quanto à qualidade das obras, cabe ao(à) leitor(a) julgar. A nossa função é disponibilizá-las, com qualidade de diagramação e revisão, e não deixar que sejam esquecidas definitivamente.

O AUTOR

Dados da biografia do autor são escassos. Sabe-se que seu nome era Lourenço Ferreira da Silva Leal. Ele nasceu em 30 de agosto de 1850, no Rio de Janeiro. Era médico e faleceu em 15 de abril de 1914. Além de *O homem gasto*, publicado com pseudônimo, escreveu também o romance *O suplício de um marido*, de 1888.

A OBRA

O autor, ou narrador do “diálogo preambular”, resolve visitar um tal dr. A***. Recebe dele um manuscrito e publica-o. A partir de então, estamos diante de um romance epistolar, em que a personagem Luíza conta, para a sua amiga Cecília, como está sendo a vida de recém-casada.

Luíza, de vinte anos, está casada com Alberto, de quarenta. Nas cartas para a amiga, ela relata sua extrema felicidade de mulher casada. Até que começa a sentir certa melancolia e impaciência. Quando os sintomas se acentuam, o marido traz o dr. E*** para examiná-la. Ela, então, é diagnosticada com histeria.

E o marido também passa a padecer dos nervos. Seu estado de saúde só se agrava, ele tem crises nervosas e problemas estomacais. Assim, paira no ar o mistério em torno da verdadeira causa dos males que o afligem.

No final, Alberto, em uma longa carta, busca explicar as causas de seus problemas. A principal delas é o meio do internato onde foi educado, crítica típica do Naturalismo. Segundo Alberto, nesse ambiente, a criança é corrompida pelos colegas e até pelos professores. E, a partir daí, ele mostra sua repugnância diante da homossexualidade.

Como em típicas obras naturalistas, esta também é preconceituosa e homofóbica. Em tom de autocensura, o personagem confessa ter tido relações homoeróticas. E mais, afirma ter sido abusado, antes dos quinze anos de idade, pelo seu professor de Português.

Viaja à Europa. E, com vinte e três anos, em Paris, tem a notícia da morte do pai. Dele recebe uma fortuna como herança. Entrega-se a orgias, troca os dias pelas noites, frequenta prostíbulos. Ele se torna amigo do conde Bobinaud e, inspirado por ele, experimenta os excessos sexuais, ao que parece, apenas com mulheres.

Depois de tantos excessos, a “extenuação” o obriga a procurar um médico. Ele, que, “nas eras de vigor inquebrantável, fora procurado, requestado, endeusado pelas mais cobiçadas mulheres da vida galante”, via-se agora, “proscrito do amor”, “ridicularizado por motejos à boca pequena”. Menciona uma noite, “em que recente insucesso me valera chasqueadores apupos de mulher que eu desejara ardentemente”.

Então percebemos que, sutilmente, Alberto está falando de sua impotência sexual. Diante dessa realidade, ele se arrepende de ter vivido uma vida de “excessos”. O tom do personagem é completamente moralista, em defesa da família tradicional e da heterossexualidade. Ele, que era ateu, passa a acreditar em Deus e faz todo um discurso antimaterialista, o que mostra uma contradição no Naturalismo brasileiro.

No mais, a presente edição é originária da publicação referenciada a seguir: L. L. *Um homem gasto*: episódio da história social do XIX século. Rio de Janeiro: Matheus, Costa & Cia., 1885.

Diálogo preambular

Deu-me um dia para visitar o meu venerando amigo dr. A***, a cuja casa eu era compelido pelo desejo de saldar uma dívida de gratidão.

Rastejava ele pelos sessenta e cinco anos, estampados na fisionomia com o relevo primoroso dos homens de vida sempre sã e farta de virtudes. Desciam-lhe em caracóis pelas espáduas sedosos fios de alvos cabelos a emoldurarem-lhe a fronte larga, apenas sulcada dos vincos da meditação. O nariz aquilino, sobreposto a lábios finos e bem-talhados, separava-lhe dois rasgados olhos, através de cujas pupilas transpareciam a profundez dos espíritos cultos e sagazes e a serenidade das almas perfeitamente organizadas. A barba, enfim, pouco espessa e alvinitente aureolava-lhe a curva inferior do mento saliente, reflexo de portentosa energia moral.

Sentado em larga poltrona, na sua varanda convizinha ao mar, o tronco envolto em casacão abotoado até à gola, donde surgiam os colarinhos brancos, corretamente cingidos pela gravata de cetim preto, di-lo-iam um busto vivo daqueles vultos legendários que a natureza sói fazer brotar a espaços na estrada inda obscura do progresso, para mais lhe dilatar a esfera de iluminação.

Perto dele sentia-se a gente a cômodo e mais confiada em si própria. Há homens assim. Na peleja tumultuosa da vida, quando mais fundas nos turbilhonam as paixões no peito, e a nossa individualidade, cansada do batalhar improfícuo, tende para a inação

do desânimo, procurai esses entes superiores e ser-vos-á bem fácil verificar o poder imenso, a influência benéfica, que eles têm o condão de exercer. Aquela placidez severa, aquele juízo reto e incisivo, aquela decisão pronta e inabalável, postos em confronto com o vosso desconceito, a vossa desordem e hesitação, primeiro correr-vos-á de vergonha e, depois, preparar-vos-á confortos de tal ordem, que vos sentireis desde logo transfigurados. É que essa atmosfera respeitável, que os envolve e em que vos aprazeis de respirar, sustenta em si todos os germens das virtudes, todas as forças vivas neutralizantes e aniquiladoras dos vícios.

Corria por algum tempo a instrutiva conversação, quando, com os instintos de literato farejador de matéria para novelas, interpelei o velho amigo nos seguintes termos:

— V. Ex. tem observado muito?

Encarou-me meio surpreso e, não podendo atinar de pronto com o fim da interrogativa, refletiu:

— É verdade; mas em que sentido pergunta?

— Falo respectivamente à vida moral, retorqui.

— A vida moral, replicou o ancião, abanando mesuradamente a cabeça, é organismo complicado, e mais que a vida física; porém, há muito quem se atire a dissecá-lo, pouco se lhe dando da qualidade e escolha do escalpelo, da firmeza e segurança da mão e sobretudo da clareza e retidão nas apreciações experimentais. Resulta daí essa aluvião de observações defeituosas e apontadas por verdadeiras a baralharem-se, sem refletirem luz alguma, deixando cada vez mais embaraçada a dificuldade do problema.

— Assim o creio, redargui meio desorientado com a lem-

brança de que semelhante alusão bem poderia competir aos meus fumos de homem de letras.

E continuei mais seguro de mim:

— V. Ex. na sua posição excepcional, com tantas habilitações, deve ter colhido muito fruto sazonado nessa ordem de cultura.

— Não o nego. Com um pouco de curiosidade discreta e de atilamento, não é demais, no curso de uma vida extensa, o ter-se aprendido alguma coisa.

— E por que não publica o fruto de seus estudos práticos? aventurei resolutamente.

— Pela simples razão de me não sobrar tempo.

— É pena! exclamei com o pesar disfarçado de quem vê na oferta dos serviços próprios meio fácil de eliminar a dificuldade.

— Olhe, reclamou o doutor a sorrir-se, como se me tivesse compreendido, sei que se dedica com aptidão pouco vulgar ao cultivo das letras e, já que me falou em assuntos sociais, quero fornecer-lhe um bom tema para romance, ou antes um romance quase feito. Aceita?

— Se aceito! retorqui, não cabendo em mim de contente, por ver surtido o êxito desejado.

— Observo-lhe, contudo, que o tema não deixa de ser escabroso.

— Por quê?

— Porque se refere muito de perto às realidades quase inconciliáveis com o decoro da narração.

— Quanto a isso, não lhe dê cuidado. Esforçar-me-ei por

conservá-lo predominante e, nos passos mais difíceis, prometo valer-me do seu criterioso concurso.

— Bem; mas imponho ainda uma condição.

— Qual?

— A de não fazer alteração nos pontos cardeais, por mais ouriçados que lhe pareçam.

— Se reconhece nisso vantagem...

— De certo, atalhou o velho com visível convicção. A verdade diz-se nua e crua, apenas revestida, nos casos melindrosos, do cendal transparente da forma artística. O romance não deve ser, em absoluto, um tratado de moral, mas cumpre-lhe não descurar indiretamente esse requisito de perfeição, se quer adquirir os foros de superioridade. O belo é essencialmente incompatível com o falso e vai mau caminho o autor de qualquer obra d'arte, se não rende preito à verdade. Talvez este meu modo de ver seja defeito adquirido na profissão, onde a máxima virtude consiste na exposição fiel do observado; mas quer seja, quer não, já agora é princípio enraizado, perrice de velho, de que me não é dado afastar. Pensa comigo?

— Salvo pequenas restrições, objetei mais no propósito de elucidar-me que de discutir.

— Que vem a ser? interrogou A***.

— O perigo da leitura para as almas demasiadamente candidas.

— Ou essa candura deseja ser conservada, o que se previne com uma advertência preliminar, ou não. No último caso, toda a vantagem consiste no descrever as coisas como são e não como

podiam ser.

— E os atrativos do vício? insisti.

— De que atrativos fala? Reais, não pode o vício tê-los; artificiais, correm mais por conta do escritor que do escrito; e por essa mesma razão requeiro a verdade em toda a sua nudeza.

— De acordo, repliquei completamente convencido. E ajuntei: — Mas poderá V. Ex. referir-me já qual o ponto ferido no romance?

— É interessantíssimo: diz respeito ao casamento, essa base essencial da sociabilidade. Como sabe, quando tal instituição falseia na prática, as consequências são desastrosíssimas. É por isso que a análise das anomalias respectivas tem merecido e merecerá ainda os mais variados estudos. O ponto de apreciação nesta verídica história tem o mérito da novidade, pelo menos em trabalhos desta ordem. O fato tem-se verificado amiúde e verificar-se-á com toda a brutalidade, enquanto o bom senso não for suficiente para objurgá-lo. Por ele verá como a higiene entretém relações de intimidade com a moral e como a transgressão dos preceitos, estabelecidos pela primeira, gera inevitavelmente o dano da segunda.

Todo o pai se empenha cordialmente pela felicidade da filha; mas grande número de vezes essa felicidade sotopõe-se-lhe aos olhos com aparências falaciosas. Apela-se de ordinário para a probidade do noivo, para os meios facultativos do confortável à noiva, mas não se cura dos requisitos sanitários, não menos importantes, considerados os funestíssimos prejuízos que a sua cárcera pode originar. Demonstre-se à evidência essa grande ver-

dade, ponha-se o dedo na ferida e aplique-se-lhe o bálsamo cicatrizador.

— Muito bem, Exmo., apoiei com o antegosto de quem se propõe à execução de uma boa obra. Forneça-me os dados e dirija-me, que prometo obedecer-lhe cegamente.

Nesta conjuntura, A*** ergueu-se, caminhou para o interior da casa e voltou daí a pouco com um rolo de papel.

— Aqui os tem, disse-me. Pouco terá que trabalhar. O essencial está feito. Uniformize o estilo, corrija alguns erros de expressão e mude, se quiser, a forma do romance, visto hoje considerarem a epistolar obsoleta. Não penso do mesmo modo: toadas as formas são boas, desde que as saibam tratar; mas não discuto esse ponto, sujeito-o à sua deliberação autorizada. Se precisar de algum esclarecimento, procure-me.

Senhor do precioso manuscrito corri a casa, alegre de ter feito, sem esperar, um achado valioso. Li-o e reli-o com sofreguidão. Posso asseverar que o dou à estampa tal qual o recebi, tão insignificantes foram as alterações de necessidade. Limitei-me apenas ao trabalho de coordenação.

Quanto às impressões que me produziu e ao modo por que o aprecio, é meu dever omiti-los ante o juízo mais autorizado do leitor.

Primeira série

I

DE LUÍZA A CECÍLIA (16 de novembro)

Com sobejas razões increpas-me de egoísta, querida Cecília. Quinze dias completam-se hoje, depois da nossa despedida na ponte das barcas de Mauá, quando te fiz, com os olhos rasos das lágrimas da saudade, o solene protesto de escrever-te amiudadas cartas.

Acuso-me de haver faltado à promessa. Mas que queres? A felicidade, nos efeitos morais, possui alguma coisa de comum com as águas do Lethes; e, se não gera de todo o esquecimento, antepõe-nos à vista uma névoa, através da qual só deixa descortinar aquilo com que entretém relações diretas. Eu, pecadora, me confesso a ti, Cecília, contando certa com a absolvição e penitenciando-me com a narração minuciosa de todos os incidentes da minha lua de mel. Não é, indubitavelmente, a pena proporcional à culpa, porquanto me faculta dois extensos lucros: o prazer de reproduzir pela escrita fatos que tanto regozijam a memória e que esta se apraz em conservar com acentuada tenacidade, e a doce satisfação de conversar contigo. Apesar das regalias do castigo, creio sinceramente que, no ânimo piedoso, te darás por desafrontada.

Há por aí muita gente obstinada no pregão de ser a amizade

árvore maninha, confiada à cultura do nosso sexo. A ambição da mulher é agradar ao homem, diz este; e, nesse intuito, cada uma procura atingir depressa o alvo e todas se guerreiam, excitadas pelos zelos, pela inveja e pelo desejo ardente de serem as primeiras contempladas. Acho que essa recriminação acerba deve correr mais por conta da vanglória do sexo oposto do que pela da verdade.

O que ninguém, entretanto, poderá contestar, é que a nossa convivência fala bem alto pela minha opinião. Primas e compa-nheiras inseparáveis no lar doméstico, no colégio, nos folguedos pueris, nos sonhos da mocidade, em todos os passos da peregrinação na vida, com que afeição e harmonia de vistas temos vivido! Para qualquer de nós jamais o gozo é completo, quando não compartilhado, e as mágoas nunca revestidas de total dureza, graças à atenuação consoladora da confidência. Aspirações realizadas para uma, satisfazem igualmente à outra e nunca pôde a negra discórdia afrouxar de leve tão estreitos liames.

Sorriu-nos o amor simultaneamente. O teu preferido qui-nhoou-se-me logo da simpatia e do carinho fraterno do coração, mantendo-se o meu, em relação a ti, em circunstâncias idênticas. Imprevistas ocorrências obrigaram-me a ser esposa primeiro; mas o intervalo é só de meses e breve fruirás igual ventura na aliança com o teu idolatrado Paulo.

Parece que a sorte quis também fornecer-nos alimento para a conformidade das almas, tão bem consorciadas pela amizade. Fez-nos cedo órfãs de pais, prendeu nossas mães por tão íntimos laços como os nossos, favoreceu-nos da mesma opulência, permi-

tindo-nos acurada instrução e harmonia de gosto literário e artístico.

A natureza é que se fez mais pródiga contigo, ainda que injustamente insistas no contrário. Somos do mesmo porte e do mesmo talho; mas jamais poderá competir com o azul profundo dos teus o negrume dos meus olhos; a tua áurea coma de Berenice leva-me de vencida os cabelos pretos; é mais gracioso o teu sorriso, mais melodiosa a tua voz de soprano, que me faz morrer de inveja as cordas graves; e a tua cútis lactirósea, mosqueada de raios azuis, ultrapassa em beleza a minha de cor morena.

Se tenho formas rijamente constituídas, não tens rival na delicadeza das tuas; e o não sei que de áspero do meu corpo contrasta desvantajosamente com o tenro e aveludado do teu. Talvez provenham daí as nossas diferenças de caráter. Ambas somos sensíveis; mas tu esqueces mais facilmente as ofensas e és mais tardia no ressentimento. Acessível à resignação, que não se me coaduna tanto com a vivacidade, predominas pela calma da razão, cedendo-me o passo no fogo imaginativo; e, por isso, o teu amor é mais suave, ao passo que o meu sempre referve incandescente.

Estas discrepâncias, longe de nos afastarem uma da outra, mais nos estreitam. Servem-nos reciprocamente de amparo e complemento, originando uma resultante mais exata das nossas aptidões coligadas. Assim, a minha impaciência é moderada pela tua serenidade, o meu entusiasmo temerário pela tua calculada moderação, ao passo que a tua condescendência exagerada se quebra e cede ante os assomos da minha irritabilidade duradoura.

Mas agora reparo que, em vez de entrar no assunto essenci-

al da carta, tenho estado a delinear os nossos perfis, como se viessem ao caso. Não inutilizarei estas duas folhas de papel, escritas em homenagem à mais pura das amizades. Não é possível recommear, quando a ampulheta, mensuradora do tempo destinado à nossa conversa, acaba de deixar cair o último grão de areia.

Desculpa-me, Cecília; amanhã serei longa e entrarei em matéria sem preâmbulos. Um beijo na tua Luíza e permite-lhe que aceda solícita ao empenho com que Alberto a reclama para a sua companhia.

II

DE LUÍZA A CECÍLIA (17 de novembro)

Vou cumprir à risca a promessa de ontem: abolidas as divagações.

Desatracada a barca da ponte de Mauá, apenas se me esvaiu na distância o alvejar do teu lencinho de cambraia, Alberto travou-me do braço e conduziu-me ao camarim da ré, onde nos sentamos no sofá ao lado um do outro. Estávamos sós. As famílias, companheiras de viagem, conservavam-se fora do compartimento reservado e os criados ficavam à proa.

Tomando-me da mão, meu marido comprimiu-a afetuosamente e, levando-a à altura dos lábios, osculou-a com efusão no dorso e na palma. Senti-me enrubescer; mas o enleio cresceu-me de ponto, quando o audacioso amante, envolvendo-me a cintura no braço, me aconchegou tanto de si que lhe senti o brando contato do corpo agitado.

Espraiei por disfarce os olhos pelo oceano tranquilo. Que soberbo e gracioso painel alumiaava a luz fulgurante do dia! Dir-se-ia a natureza a sorrir-se-me do vexame e a aplaudi-lo festiva. Batendo de chapa na superfície oscilante do mar, recamavam-na os raios do sol de miríadas de fúlgidos diamantes; entrecortava sinuosa o límpido azul do céu a linha do azul sombrio dos píncaros das montanhas; alvejava além a orla curva das praias espumantes; e um bando de penhascos e ilhotas isoladas sacudia mansamente

o leque das palmeiras, guarida segura dos cardumes esvoaçadores das aves marinhas!

Ai, Cecília! como então me palpitava o seio!

Alguns instantes decorreram em eloquente silêncio, durante os quais, se bem me assaltasse indomável acanhamento, me senti arrebatada em êxtase estranho e repleto de delícias! Apiedado da minha perturbação e pretendendo dissipá-la, meu marido falou-me meigamente nestes termos:

— Trazes saudades do Rio, Luíza?

Pela primeira vez me tuteava.

— Muitas, respondi timidamente.

— De quem? voltou Alberto. E sem esperar resposta: — De tua mãe de certo e da Cecília; quero dizer, dos entes que mais caros te são na vida?

— Sim, confirmei.

— E contas agora mais algum nas mesmas circunstâncias?

— Decerto, acudi com efusão.

— Que vem a ser?

— Será preciso dizer-lho? murmurei sorrindo com ternura.

— Minha adorada Luíza! exclamou agradecido. E reprimando: Olha! temos umas contas a ajustar. Estamos casados e bem casadinhos, não é?... Pois isso significa que entre nós ficam inteiramente abolidas as fórmulas convencionais de cortesia; salvo, prosseguiu sorrindo, se preferes que te impugne a primavera de vinte anos de querer render preito ao meu inverno de quarenta.

— Oh! não, Alberto! acudi vivamente, animando-me a

olhá-lo em rosto.

— Bem o sabia eu, obtemperou. Não me iludiram os teus belos olhos, quando me preferiram aos outros pretendentes que os disputavam; nem tampouco achaste incompatíveis com o mais devotado dos corações uns cabelos já grisalhos, não é assim?

— Poderás duvidá-lo? redargui solícita e recobrada do embaraço. Quem ousará vencer-te na nobreza e distinção da fisionomia, onde visíveis se te refletem os dotes delicados do espírito e do coração? Quem melhor alcançaria cativar-me com tanta amabilidade de trato e tanta dedicação? És e serás sempre o esposo idolatrado de minha alma.

— Ah! Luíza! quanto me sinto feliz, ao beber a melodia das tuas palavras com a segurança do teu amor... Deixa-me libar de mais perto essa ventura que me inebria... Assim...

Emudecemos com os lábios justapostos e pela primeira vez trocamos os hálitos inflamados.

Ainda não experimentaste, inocente, o caudal de delícias, a torrente de supremos gozos, denominada primeiro beijo de amor. Há aí alguma coisa de paradisíaco, distante da terra. É um delíquio sobrenatural em que a vista escurece e a cabeça volteia vertiginosa, como atraída ao abismo do bem infinito. Suspensas em voo alteroso, sentimo-nos embaladas num sonho místico, com os sentidos e o entendimento torpecidos.

Quanto durou o beijo, não sei. Sei que fomos obrigados a interrompê-lo, por termos ouvido uns passos aproximarem-se da câmara, os quais pertenciam a pessoa que por um triz nos ia surpreendendo.

Era uma senhora alentada, entre os quarenta e cinquenta, vistosa e garrida. Ao transpor o limiar da entrada, alçou os folhos dianteiros do vestido cor de havana e deixou ver, sob o rendilhado da saia, a meia perna carnuda e o pé pequeno, comprimidos entre o salto Luís XV e os canos altos de elegantes botinas.

Saudou-nos com uma graça afetada e, sentando-se fronteira, passou-nos dos pés à cabeça uma olhadela analítica, socorrida pelo monóculo de ouro lavrado. Com o perscrutador instinto do nosso sexo observei-a por miúdo. Notei-lhe o leque de plumas com franjas prateadas, os dedos recamados de rumas de anéis faiscantes, os arrebiques do penteado e o corpete fendido, cujo filó deixava transparecer retesada a alva rotundidade do peito abundante.

Nos olhares requebrados, nos anseios precípite e suspirosos, nas posições artísticas, em todos os meneios e ademanes, sobressaía o expresso e acurado estudo, adquirido ao espelho, sobre a arte de agradar pelo físico.

Breve dirigiu-nos a palavra e achou ensejo para dar larga à impaciente e característica loquacidade. Soubemos que era senhora de negociante abastado, a refugiar-se do calor da Corte, no clima temperado de Petrópolis. Falou-nos da própria ventura conjugal, dos trinta anos por fazer, de trens, de passeios, teatros, bailes e tudo o que entendia concorrer para conceituá-la bem em nossa opinião. Em resumo, conseguiu definir-se a personificação da frivolidade e jactância.

Não se afastou mais da nossa companhia pelo resto da viagem. Quase ao chegarmos, aguçada de curiosidade, ardendo por

saber que relações me prendiam a Alberto perguntou-lhe:

— Vai passar o verão a Petrópolis em companhia de sua filha?

— Vamos, respondeu meu marido com a maior naturalidade. E juntou: — Mas a que filha se refere V. Ex.?

— A essa moça, retrucou a velha, indigitando-me.

— Esta moça não é minha filha, tornou Alberto com sorriso condescendente.

— Então há de ser sobrinha ou enteada, não? porfiou a velha com impertinência.

Deves ter calculado, Cecília, quanto me contrariavam perguntas tão indiscretas e bisbilhoteiras. Franzi o sobrolho com visíveis mostras de reprovação; mas Alberto, disposto a rir-se, retorquiu:

— Não, senhora, nem uma nem outra coisa.

— Oh! oh! começou a imprudente chasqueando, então confesso que não posso atinar com o parentesco que os liga.

— Pois é bem fácil, acudi em tom meio desabrido, transbordando-me na vivacidade da irritação. Bem se vê que V. Ex. não é das mais sagazes. Não sou sobrinha, nem filha deste senhor, sou simplesmente sua esposa.

— Esposa! interjectivou a matrona com risinho alvar e provocador, sem se lhe importar com o meu exaspero.

— Esposa, sim, repeti esbraseada. Não sei de que se admira.

— Ah!... perdão... tartamudeou a velhota atarantada. É que... sim... a diferença de idade...

A última observação acabou de me encolerizar; senti ímpetos de amordaçar aquela boca endemoninhada, cuja estultícia prodigiosa parecia querer propositalmente rebaixar aos meus olhos Alberto, que aliás mostrava divertir-se com as parvoíces da presumida senhora. E, cheia de irreprimível indignação, verberei-lhe desapiadadamente a seguinte resposta:

— A desproporção das idades não é tão grande como lhe parece e, ainda que o fosse, em nada invalidava a firmeza e intensidade do amor. Quanto ao haver-se a sua curiosidade enganado, deve ser porque provavelmente V. Ex. já conta alguma neta da minha idade.

Feri-a em balda certa. A vaidosa matrona envermelheceu como um lacre; depois fez-se lívida, mordeu os beiços e resmungou um destempero que não ouvi.

Felizmente chegáramos ao fim da viagem. O transporte acabara de atracar e os passageiros encaminhavam-se para a prancha.

A velhota esgueirou-se sem se despedir. Quanto a meu marido, desatou em tão gostosas casquinadas de riso, que, ao vê-lo com tão boas disposições, senti-me inclinada à absolvição da delinquente.

Paro aqui: o tempo está esgotado.

Minha mãe tem-me escrito; abraça por mim a tua e recomenda-me... bem sabes a quem.

III

DE LUÍZA A CECÍLIA (18 de novembro)

Reato o fio da narração de ontem. Ficáramos no ponto extremo do percurso marítimo, em caminho para o *wagon*, que nos conduziria a Raiz da Serra. O sibilo agudo e prolongado da locomotiva reclamava, a intervalos, a nossa presença. Espessos nove-los de fumo negro, impacientes de expansibilidade, vomitados das fauces férreas da máquina titânica, indicavam a tração próxima.

Acomodamo-nos em um carro, onde mais pessoas nos vieram fazer companhia, circunstância que nos levou a considerar quase intolerável a curta duração do transporte.

O amor peca pelo defeito de excessivamente antissociável. Só admite a entrevista de dois e do mesmo número de interlocutores quer se componha o colóquio. Afora isso prefere o isolamento.

Alcançamos a Raiz da Serra e tomamos o veículo que nos tinha de acarretar a Petrópolis. Desta vez ainda não ficamos sós, mas felizmente muito desafogados.

Tivemos por companheiro um moço loiro, bem-apessoado e, como veremos, arquiaticioso.

A ascensão da montanha é a parte mais pitoresca da viagem. Imagina uma notável diferença do calor da Corte, devida à natureza do clima e ao descambar do sol, cujos raios quentes haviam abrandado de temperatura.

O olfato, enojado da maresia da praia das combustões do carvão de pedra,¹ da graxa e do azeite dos maquinismos, regala-se agora em profundas inspirações, absorvedoras de suaves eflúvios do ambiente embalsamado pela vegetação florida e luxuriante dos intertrópicos. A vista recreia-se a espreguiçar-se plácida nos vales ameníssimos, nos dorsos verde-negros dos escalvados granitos, encimados de nuvens raras, ou no panorama esplendente que se nos vai desenrolando aos pés, quando a carruagem transpõe as sinuosidades ascendentes do zigue-zague macadamizado.

Junta a isso o doce aconchego de dois corpos amantes, repousados no assento fofo do fundo do carro, que, nos seus balouços continuados, renova de espaço a espaço a superfície macia do contato. Junta-lhe mais uns trocares de olhos magnéticos, cheios de aspirações misteriosas em futuro próximo; uns encontros de mãos, a comprimirem-se ternas e acariciadoras; um como desejo de absorção recíproca de dois seres propelidos um para o outro; e terás, minha querida, a pálida imagem da nossa ventura daqueles momentos.

Como já disse, não ficáramos completamente sós, com a liberdade de emborcarmos, a largos haustos, sem estorvos, a taça dourada do amor.

O moço loiro entabulou conversa conosco, donde pude inferir o seguinte.

Doutorara-se havia meses e projetava aposentar-se nas circunvizinhanças da Conservatória, onde a família estacionava. Realizara farta colheita de ciência suculenta, sem por isso se irreconciliar² com as letras e artes, pelas quais alimentava decidida voca-

ção.

Deparando-se-lhe em Alberto condigno competidor dos entusiasmos estéticos, foi-se expandindo, a seu talento, desentranhadamente. Os sucessivos e variegados painéis, desdobrados pela natureza no trajeto da serra, desarraigavam-lhe do íntimo cálidas explosões de homenagem ao belo. Falou-nos assisadamente de música, a arte que mais lhe vibrava as fibras sentimentais. Depois, veio à baila a poesia, e o doutor desatou-se em recitações de versos próprios e alheios, declamando com uns tremelizados de voz graves e agudos, impecáveis na carência de graça e acompanhados de nobreza de gesticulação.

Não me desagradava a sua parolagem aberta, entremeada de ditos arguciosos, anedóticos, que bastante nos divertiam. Porém, notei que o escandecido poeta me dispensava, com diferença notável, salvos os direitos adquiridos do sexo, mais urbanidade que a meu marido. No calor das recitações debruçava-se amolentado para mim, com requebros voluptuosos nos olhos, velados em névoas de sorradeira languidez. Aos solavancos do carro, seus joelhos roçavam os meus com pertinácia mal justificada por descuido despretenso.

Chegou a vez de dissertar sobre o casamento. Constituía-lhe naquela época o dourado sonho, a aspiração almejada, a blandidiosa tendência predominante. Adorava a mulher trigueira de reflexos pálidos, tons quentes, carnação palpitante, suscetível de sentimentalidades arrebatadas, vivaz de espírito e sutilezas. Se a defrontasse como a idealizara, que oceano tamanho de venturas!

Ele e ela, circunscritos a casebre campestre, alvejante, cir-

cuitado de alcatifas, flores, espadanas cristalinas e colibris iriados. Ela, a Penélope do lar sereno, toda doçura, dedicação, derrancada em ais de afeto perdurável, inextinguível; ele, o Ulisses dela, não o grego atiradiço às peregrinações longínquas, à intrepidez das batalhas, mas o Ulisses pacato, bonacheirão, sagrado a digressões curtas³ participante, com o homônimo, da fidelidade da esposa e parecido com Hipócrates na prática do bem.

A não ser isso, adeus mundo: preferia o repouso inconsciente sob a lápida do cemitério. Que lhe valiam ambições desmarcadas, ruidosas, de poderios, de domínios, honras e riquezas? Tribulações, vaidades humanas, verberadas há milhares de anos, pelo espírito superior de Salomão, que aliás, quando analisava as qualidades do amor, se comprazia em desferir da lira harmoniosa endechas namoradas, imponentes de inimitável poesia, como as do *Cântico dos cânticos*.

Era assim. Queria nervos intactos, a coberto de qualquer excitabilidade, senhores de toda a esfera de ação, presidindo com abundância de calma as contrações e expansões das fibras repousadas. Mavioso ideal, dependente de uma condição única, que ainda se não pudera verificar: o descobrimento do objeto amado.

— Mas, considerou maliciosamente Alberto neste ponto, ao doutor, atentas as qualidades que possui, não há de ser difícil realizar os seus fins.

— Estava muito esperançado, respondeu.

— E, continuou, demorando sobre a minha pessoa olhares muito afetuosos e perscrutadores, quem sabe? Quando a gente mal se precata, o acaso, uma coincidência, um encontro fortuito,

pode decidir de tudo.

Aquela persistência de observação não me deixava de alar-mar as pacientes disposições do ânimo, propenso a tolerar o moço poeta. Por outro lado, permite-me confessar-te muito à pureza este peca-dilho, lançado à conta da vaidade feminil, não me sentia mal lisonjeada com as atenções de simpatia que lhe inspira-va.

Numa ocasião, porém, excedeu-se. Animado pelo sorriso de assentimento, concedido aos seus galanteios, deixou escorregar a ponta do pé pelo soalho do carro até encontrar o meu e, antes que eu pudesse atribuir tal acidente ao acaso, senti-me comprimida suave, mas audaciosamente. Aproveitara muito de indústria ocasião, em que Alberto, debruçado na portinhola do carro, se embevecia na contemplação de longínquo panorama.

Tão temerária quão desrespeitosa provocação, causou-lhe tal atordoamento de cólera, que me fez recuar precipitadamente até ao fundo do carro e arremessar olhar tão irritado ao pobre moço, que ele, completamente atarantado, se fez escarlata até à raiz dos cabelos, não sei se de susto, se de pejo.

Minguaram-se-lhe então visivelmente os arrebatamentos es-téticos, e o semblante se lhe chegou mesmo a revestir-se de tons compungidos. Quando nos apeamos na estação da Serra, veio so-lícito, com grandes mostras de deferência, oferecer-me um copo de água.

— Aceito, respondi-lhe sensibilizada, se bem que meu ma-rido ma fosse buscar agora mesmo.

— Ah! exclamou o poeta admirado, supunha V. Ex. soltei-

ra.

Esta exclamação, enunciada provavelmente adrede e em tom justificativo, fez-me avaliar melhor o desígnio, que o incitara a praticar a leviandade do carro, desígnio que eu julgara primitivamente ofensivo. Como a senhora da barca o poeta tomara-me por solteira e, de conformidade com a confiança votada aos encontros fortuitos, como um meio facultativo de realização das suas esperanças matrimoniais, acreditava ter-se-lhe deparado em mim o ideal artístico.

Que bonito partido perdi, Cecília! Fosse Alberto meu pai, como querem à porfia, e estava hoje a tua amiga entre ovelhas, transformada em musa inspiradora de poeta bucólico!

Seja como for, a verdade é que o famigerado doutor, no resto da viagem, se portou irrepreensivelmente, a ponto de adquirir jus à absolvição do delito e merecer-me certa dose de simpatia.

Quando chegamos a Petrópolis, as sombras crepusculares estendiam pela terra o véu pardacento, que uniformiza as cores. Uma chuvinha fina, miudamente peneirada, espalhava frescuras no ambiente morno, escorrendo em fiozinhos emperlados pelo polido exterior das vidraças suspendidas.

O lento rodar dos carros em fileira subiu de reduplicada velocidade, indicando que atingíramos o plano e que os animais farejavam de perto os odores e o remanso das estrebarias. De repente a fileira debandou e cada veículo tomou direção diferente. O nosso parou à porta do hotel Bragança, onde despejou o jovem poeta, muito desfeito em cumprimentos saudosos e oferecimentos cortes de despedida. Depois, torceu caminho pela frente do

palacete do imperador e embrenhou-se na linha entrecortada das ruas que se cruzam nesse ponto.

Breve parou a um largo portão de ferro, centro de extensa gradaria, guarnecida de afestonada trepadeira, de entressachadas flores escarlates com estames brancos. O criado saltou lesto da boleia e de chapéu em punho escancarou a portinhola. Ao mesmo tempo uma rapariga rubicunda e anafada, alvoroçada em sorrisos prazenteiros, introduziu-me nas botinas uns tamancos fartos e felpudos, atirou-me pelas espáduas folgada capa de pelúcia e, abrigando-me sob largo guarda-chuva de seda:

— Por aqui, minha amazinha, convidou em tom afetuoso, guiando-me pela mão até à porta da entrada.

Era Josefina, minha criada grave, antes amiga dedicada e experta nos traquejos do lar doméstico.

IV

DE LUÍZA A CECÍLIA (21 de novembro)

Tenho presente a tua de 18, em que me dás minuciosa notícia do estado dos nossos e me referes com admirável nitidez e entusiasmo os momentos de levantada ventura, saboreados na companhia do teu estremecido Paulo.

Com que então aventurou-se ele a roçar os bigodes ruivos pela tua mãozinha de neve, hein? E sentiste-te afogueada de pejo, atordoada de enleio? Como havias de ficar formosa com os olhinhos modestamente baixos, como os das virgens rafaélicas, e as faces cor da púrpura dos baguinhos de romã?! E não se desorientou, o malévolo, com as terríveis consequências do temeroso atentado? Dou por certo que havia de folgar ao ver-te sofrer assim? Se são tão egoístas... os amantes? Que lhes importa assentar o trono de delícias sobre pedestal de amarguras?

Nos tópicos subsequentes ocupas-te comigo e declaras que tens apreciado imenso a relação circunstanciada das sucessivas fases da minha lua de mel. Queres que continue sempre, sem deixar em branco ponto algum da narração, por mais insignificante que pareça.

E eu que receava ter-me tornado maçadora, ter abusado da tua complacência. Pois bem, uma vez que me conferes tais regalias, saberei aproveitá-las. Não imaginas quanto me é grato recordar, minuto por minuto, o tempo ditoso, o melhor da vida, escoar

do velozmente ao lado do meu Alberto. Experimentarei prazer igual ao do deslizar de sonho agradável, do qual despertamos, tornando logo a cerrar os olhos, a ver se readormecemos e recuperamos o fio perdido.

Cumprirei de bom grado o teu desejo, outorga propícia à realização do meu. As pesadas consequências da prolixidade correrão por tua conta, sem direito de queixa ou reclamação.

O que fizemos logo, ao chegar, foi mudarmos de trajos. Alberto dirigiu-se ao gabinete particular e eu deixei-me guiar por Josefina, a quem fui confiada.

Refestelei o corpo lasso num banho tépido, a recender aromas suavíssimos, que Josefina tivera o cuidado de misturar à água. Enverguei um vestido branco, de mangas folgadas e enfeites cor-de-rosa. A trêfega mocetona, que me dispensava desvelados serviços, enastrou-me na raiz do cabelo um lindo botão marechal Niel, cor de canário, e condecorou-me o peito esquerdo com uma roseta de malvas e violetas, artisticamente pregada.

Quando voltei à sala, lá encontrei Alberto de trajos leves e campestres. Odorífero e apetitoso jantar estendia-se em porcelanas douradas sobre a toalha alvíssima. Duas fontes de Hierão, sobrecarregadas de flores variegadas, disseminavam frescuras e perfumes.

Sentamo-nos juntinhos, à mesa, e dizer-te que sobriamente nos aproveitamos das iguarias é trivialidade ociosa para quem calcula o que podem exigências do estômago no saboreio dos acepipes do amor. O último prato sacia tanto que nos faz deslembrar o próprio instinto da conservação. Se, naquele momento, pude tra-

gar alguma coisa, devo-o à solicitude delicada de meu marido, aos seus zelos, receosos da mínima quebra do meu bem-estar, da minha saúde.

Era todo embevecimento por mim. Mantendo-se em limites dignos e finamente nobres, sem discrepância da seriedade indispensável na presença dos fâmulos, mostrava-se tão acariciador, tão apurado no gosto das suas homenagens, que me arrastava de surpresa em surpresa e se elevava constantemente no conceito que me incutia a sua distinção.

Não insisto em balde nestas circunstâncias aparentemente pequeninas: é no exercício das futilidades, onde melhor se nos revela o grau das qualidades de quem as pratica. Aqui, como em tudo, as naturezas eleitas têm o condão de realçar insignificâncias e emancipá-las do cunho da vulgaridade, que sempre as estigmatiza.

Se o observasses, com o guardanapo a tiracolo, a servir-me de um acepipe preferível, a levar aos lábios o bocado retalhado, a mastigar, a deglutir, a descascar um fruto, em todas as minudências do comportamento à mesa, ficarias encantada da graça, da elegância, da gentileza dos seus modos e, ainda mais, da atenção que serias forçada a dispensar-lhe na apreciação dos nada, que, feitos por outro, te passariam despercebidos.

Ao levantarmo-nos da mesa, conduziu-me à saleta da biblioteca, onde esperamos o café. Nesta peça, como em todas as demais, reina a mesma ordem, a mesma decoração graciosa, a mesma apropriação do objeto ao uso destinado. O local, a mobília, as estantes dos livros, as estatuetas, os bronzes, os quadros, tudo se ostenta esbelto e sorridente.

Depois de me sobraçar carinhosamente, como empenhado em digressão aristocrática, encaminhou-me para as estantes e as foi passando em revista, uma por uma, dando-me circunstanciada notícia dos livros, do merecimento literário dos respectivos autores, das preferências criteriosas que lhe merecia este ou aquele. Corremos, depois, os bronzes raros, as cópias em mármore e alabastro dos primores da escultura, a coleção de gravuras em água forte, metal e madeira, os álbuns de paisagens, as reproduções fotográficas dos museus célebres da Europa. E, despreocupadamente, sem vislumbre de afetação, entremeando profundos juízos de interessantes anedotas e ditos chistosos, com amenidade impossível de se reproduzir palidamente, testemunhava atilamento e erudição superiores a toda a expectativa.

Quando o criado apontou com o mimoso serviço de porcelana chinesa, onde tênue vaporava o café odorífero, fez-me sentar no canapé estofado de damasco, para ingerir, aos pequenos sorvos, o precioso líquido.

Pedi-me, depois, licença para acender um charuto de Havana e, trazendo o álbum de fotografias de família, acomodou-se aos meus pés num banquinho redondo e baixo. Ali, debruçado em meu regaço, começou a folhear o livro e a mostrar-me, um por um, os parentes mais íntimos, quase todos mortos ou ausentes, narrando-me lances interessantes do passado. Relatava, simplesmente, sem pesquisa de palavras, com impensada naturalidade; mas era tal o colorido impresso à frase, a acentuação dos traços essenciais, a propriedade das figuras, brotadas sem o mínimo esforço do vigor da imaginação, que eu me julgava presente à ce-

na ou objeto descrito. Eu falava pouco, estava suspensa dos seus lábios, maravilhada das descobertas que ia fazendo, de momento a momento, na exuberância de tantos dotes cavalheirosos.

Com que celeridade transcorria o tempo do colóquio aprazível! Mergulhada no gozo inefável da música das palavras e da elevação dos pensamentos, penetrada de languidez admirativa, com os nervos distendidos e os sentidos amolgados por sensações estranhas, como bafejos de vibrações ondulantes, experimentava visualidades erráticas e fugidias crispações, exaltações físicas a mundo novo, a estado indefinível...

De repente o martelo da pêndula de ouro percutiu doze horas, rápidas, abafadas nas paredes da redoma de vidro que a resguardava. Alberto pressentiu-as, acordando do doce enleio.

— Meia-noite! admirou. Como depressa findou o dia miliário da nossa ventura!... Começa a era nova... E eu a abusar-te da bondade, a pôr-te à prova distraidamente as forças!... Deves estar extenuada da viagem... Vamos descansar, sim?

— Oh!... não!... não!... acudi precipitadamente, sentindo arrepios de medo ao longo da espinha. — Não tenho sono, nem me sinto fatigada. Estamos tão bem aqui.

E as pontas dos dedos se me resfriaram, ao mesmo passo que um fogacho me assoberbou a tábua do rosto.

Alberto sorriu-se com finura e, numa insistência adorável, muito condescendente:

— É que podíamos continuar a conversar, mesmo depois de recolhidos, sugeriu.

— Ainda não!... ainda não!... instei mais perturbada.

— Pois bem, fiquemos ainda, replicou.

E continuamos em assunto diverso. Postara-se agora bem fronteiro a mim, roçando-me de leve os joelhos, comprimindo-me docemente as mãos, que de quando em vez levava aos lábios, e encarando-me com ternura enamorada. Conversamos de mãe, de ti, cujas qualidades tanto preza, e do teu bem-fadado consórcio com o dr. Paulo.

Assim se passou mais uma hora, assinalada pela nova martelada da pêndula. Então sollevantou para mim os olhos súplices e em tom carinhoso, quase humilde:

— Vamos agora? interrogou consultivo.

Novo susto confrangeu-me o peito e alvoroçou-me em ímpetos de resistência; mas não ousei opor-me declaradamente.

Aproveitou-se-me do fraquejo e, num movimento decisivo, calcou o botão do tímpano de prata.

Josefina acudiu pressurosa.

— Conduze a senhora para o quarto, recomendou, e previne-me, quando estiver acomodada.

Atravessei tremendo o limiar da recâmara atapetada. Um grande candelabro prateado, de muitas velas coloridas, punha reflexos faiscantes nos cristais dos espelhos venezianos e impregnava de tons sanguíneos, repercutidos do adamascado róseo das paredes, todos os objetos contidos naquele âmbito. Em elegante mesinha de charão bruxuleava, coada pelo vidro esmerilado, a luz mortiça de uma lamparina de porcelana.

Encarreguei Josefina de apagar as velas do candelabro; a claridade intensa, ferindo-me em cheio a retina meticulosa, au-

mentava-me os instintivos pavores. Na semiobscuridade supunha encontrar mais vigorosa atenuação aos sobressaltos do pejo de donzela. Ah! se a mamãe estivesse ao menos ali para me dar ânimo e amortecer-me os terrores!

Mas haviam-me segregado expressamente, com a infeliz ideia da viagem a Petrópolis, de todo o auxílio benéfico! Eu ficara indefesa, inerme, isolada, exposta à tirania da primeira fase do noivado!

Veio a mim Josefina e principiou, muito familiar, a soltar-me o cabelo e a desapertar-me a roupa. Papagueava em derredor com ditos picantes, remosques sutis, alusões veladas, que eu não percebia. De vez em quando expandia-se em exclamações lisonjeiras aos meus dotes físicos.

— Como é linda a menina!... dizia. Que cabelos! que costas! que pele delicada! E os braços tão redondinhos, tão carnudos!... e a cinturinha tão fina!... Que mimol!... que prenda!... Como é feliz o amor!... Ah! se eu fosse homem, queria mulher assim!...

Concluiu, afinal, os solícitos serviços. Ficava eu protegida, sem contar a camisa de renda, com as meias de seda que me subiam acima do joelho e o amplo roupão de cassa fina e mangas largas, muito afogado, que porfiara conservar contra todas as rogativas da aia.

Em seguida, sempre a instâncias da apressurada Josefina, deixei afundidos na grande felpa do tapete os sapatinhos de cetim bordado a filigrana e saltei sobre o largo colchão fofo e plumoso. Encomendei com ardente devoção a alma a Deus e acocorei-me no canto, bem encolhida, com o rosto voltado para a parede. De-

pois de muita hesitação, deixei Josefina sair, exigindo que me cerrassem bem o cortinado.

Os minutos subsequentes fiquei imóvel, muda, com os olhos fechados, o ouvido alerta ao menor ruído, como a corça perseguida que alcançou a toca e atende amedrontada, a cada momento, o acuo da matilha feroz.

Súbito estremeci da cabeça aos pés e encolhi-me ainda mais com o coração reduplicado de palpites: acabara de ouvir o ruído longínquo de uns passos a se aproximarem.

Depois, horripilada, senti alguém transpor o limiar da porta e ouvi ranger a chave na fechadura.

Estava colhida em flagrante! Que horror inenarrável, Cecília, se apoderou de mim!... Meu pobre marido inofensivo, de amabilidade extrema, assumiu-me aos olhos da imaginação escandecida as colossais proporções de tremendo malfeitor! Bati os dentes, estalejando, semiconvulsa, e desandei em copioso choro!...

Mas ah! que loucura a minha! Como pareço hoje ridícula aos meus próprios olhos, quando rememoro as passagens do enorme pânico!... Até onde nos pode levar o preconceito!... Se não fora a grande habilidade de Alberto, o tato delicado com que me foi dissipando um a um todos os terrores, mostrando-me a realidade na justa medida: se não fora a paciência, a eloquente persuasão, a adorável estratégia de que dispunha, não se teria desvendado ainda para mim o soberbo panorama da felicidade suprema, tão suave, tão inocente, tão deleitosa, que mais parece do céu!...

Ai! Cecília, proporcionem-te os fados igual ventural!...

V

DE LUÍZA A CECÍLIA (23 de novembro)

Petrópolis com a faixa verdejante de montículos, recamados de florifrontente vegetação; o serpejar do rumoroso Piabanha a cortar-lhe o seio humífero; as esbeltas habitações de cobertas vermelhas e retoques multicores nas facharias rendilhadas; Petrópolis a buliçosa, a sorridente, a altaneira, é uma ficção arquitetônica de poeta fantasista, concebida nos climas alpestres da Suíça germânica e transportada aos domínios da atmosfera tropical.

Situada a muitos pés acima do mar, numa esplanada dos cumes acidentados dos Órgãos, que o Rio de Janeiro descortina de longe, envoltos sempre em denso véu anilado, respira doce bafejo de saúde florescente, de regalias campesinas, livres, soltas ao espaço, bem diferente do bafio infecto e doentio da metrópole, rebaixada ao rés do oceano, constringida de aglomerações e sufocada entre montes despidos e maldispostos.

No período da estação invernosa, quando as nuvens baixas e pejudas de aguaceiros carregam sobre a superfície da terra e encapucham os píncaros sombrios das montanhas, a cidadezinha faceira, arrepiada de frio cortante, também se acocora entre as névoas dos seus montes e se queda isolada, chorosa, merencória. Fogem-lhe a maioria dos frequentadores, agravando-lhe o entanguecido recolhimento. Dir-se-ia um grande animal hibernante, submerso na imobilidade do sono letárgico.

Mas chega o verão dissipador das brumas; voltam os beijos quentes do sol e as noites frescas, travadas de enredos de prata; e a feiticeira se destacou em flores, rubicunda, buliçosa. Então, pelas matinas, coalham as ruas membros ágeis, de macios alvores, desvendados das barras dos saíotes curtos: são as filhas dos colonos alemães, a sopesarem nos braços carnudos os produtos vendáveis da terra. Não tardam as opulentas sibaritas, já ali refugiadas da canícula da Corte, transportadas nos seus carros de passeio. E todo o dia e quase toda a noite campeia aí a festa contínua de sons, de risos, de flores, de galhofa.

Mas não se reduzem a isso as seduções de Petrópolis; prolongam-se por duas ramificações subordinadas, extramurais, igualmente maravilhosas: a serra e a estrada interior. Falei-te já, dilatadamente, da Serra e dos seus gigantescos pontos de vista; quanto à estrada, que leva o Juiz de Fora, percorri-lhe, há dois dias, alguns quilômetros, em carro descoberto, por uma noite lindíssima de luar.

Que pincel miraculoso haverá capaz de reproduzir na tela uma só de tão portentosas paisagens? Que língua de ouro ou de diamante alcançará traduzir por palavras tão grandiosos prodígios?

Aqui é o Piabanha a desfazer-se em marulhosos lençóis, brancos de espuma, sobre um leito de musgosos pedregulhos; ali, nas margens dele, extensos tabuleiros de gramados, superpostos em vários planos, interrompidos de renques de recurvos e flexíveis bambuais; acolá árvores maiores, boleadas, de franças floridas; além os graciosos cultivados da nossa agricultura; depois as

rochas dismanteladas, sentinelas seculares, mudo e inabalável sarcasmo à mutabilidade do efêmero; e as perspectivas, ora cortadas abruptamente por uma exalação da terra, a desafiar os ares, ora espaiadas, afuniladas, tortuosas, longínquas, lá, muito distantes, a beijarem a cúpula celeste. O cricrio dos insetos, o coaxar das rãs e das intanhas, o sibilo das serpes, o pio das aves noturnas, o ciciar da brisa na ramagem, pejam os ares do concerto místico da vida universal; e o dossel cérulo-argênteo, de lucilantes jorros estelíferos, entrançados na teia mais intensa do luar, comunica com a terra, insinuando-se-lhe nas grandes massas de verdura, na mansidão ou no reboiço das águas, nas crostas das argilas ou dos granitos, recortando inúmeros cerros multiformes no imenso fundo de escuridão!

Ó bem nascida localidade para a leitura das estrofes do amor!... Como te entreteceu propícia a natureza, doce recanto do mundo, tão morno, tão sereno, tão ideal, que só te poderá compreender quem já te viu!... E é por isso que recolhes no regaço hospitaleiro os seres ditosos que a ventura reuniu em par e que os sabes acorrentar ainda mais um ao outro, apertando os elos que os prendem.

A nossa vivenda suspende-se no extremo do raio, que a planura conduz, ao fundo, até um arco de colinas. Por todos os outros lados se nos rasgam dilatados horizontes, entre as clareiras de vetustos e tufados troncos. Ao derredor um jardim variegado, sinuoso, viceja luxuriante, enriquecido de mármore e refrigerado na poeira das águas dos repuxos. Mais ao longe estendem-se a horta, o pomar e as alamedas naturais, oureladas de vegetais de

mil famílias. Tudo é variedade, tudo harmonia.

A casa, em estilo moderno, concilia as prerrogativas do confortável com as exigências da estética. O ar e a luz passeiam livremente nos compartimentos desafogados, repassando os móveis e as tapeçarias de tons alegres e expansivos. Às horas crepusculares ascendem dos prados e invadem as janelas enxames de perfumes capitosos. Coam os vidros réstias douradas do sol e a lua se digna vir brandiciosa, sorrateira, oscular-nos no próprio leito, as fontes aconchegadas pela atração da ternura.

De manhã saímos juntos, sobraçados, até ao estabelecimento das duchas, onde Alberto se apraz curar-se de um velho mal de nervos. Que mal será, ignoro, nem o explica a sua fantasia, a meu ver, única responsável do suposto estado mórbido, a menos que este não corra por conta de uma dispepsia ligeira, devida com sobejidão de razões ao abuso obstinado das substâncias estimulantes e contra o qual tantas vezes me tenho levantado improficuamente.

De volta à casa colhemos flores, ou embrenhamo-nos pela chácara, estacionando à sombra das mangueiras, à beira dos regatos, admirando parasitas, deliciando-nos ao gorjeio dos sabiás.

Segue-se depois o almoço e o trabalho. Sim, o trabalho, Cecília. Não suponhas que atravessamos o dia inteiro no estéril enojo do ócio. Se assim fora, tornar-se-ia a vida insuportável e, mercê de Deus, Alberto é metódico. Das onze horas às quatro condenamo-nos a recíproco e voluntário exílio. Ele recolhe-se à biblioteca a tratar do expediente dos negócios e do estudo sério dos livros que sempre o acompanham. Eu dirijo os arranjos da casa de acor-

do com Josefina; costuro, estudo piano e desenho; escrevo à mãe e a ti, que não é pequeno serviço.

À tarde nos tornamos a reunir; recebemos e pagamos visitas; lemos juntos jornais e livros, ou fazemos música. Sabes como Alberto é insigne no violoncelo.

Cifra-se nisso, miudamente consignado, tal como queres, o nosso viver conjugal. Falta ao quadro o colorido que lhe não sei dar; mas se te não contentas e preferes a cena ao vivo, mostra esta carta ao Paulo e apressa o casamento.

VI

DE LUÍZA A CECÍLIA (25 de novembro)

Com que então te declaras agastada comigo? Na carta de 21 parei com reticências à porta do quarto nupcial, quando me era lícito ser mais explícita, satisfazendo o compromisso que tomei contigo? Querias saber tudo minuciosa, desvendadamente? O formidoloso ponto de interrogação, que nos afligia a ambas, solteiras, já se me deve ter extinguido na imaginação de esposa, ao passo que na tua persiste a bailar ameaçador, intolerável; e levo tão longe o egoísmo que me não comisero de ti, não te dissipou os terrores com uma simples penada? Assemelho-me ao amigo indigente, esperançado de grandes cabedais, que promete mundos e fundos ao companheiro de desdita, se as esperanças se lhe não malograrem, e, uma vez alçado ao cúmulo dos votos, paga com profunda indiferença, com o desprezo do esquecimento, o comparte que o outro lhe tomara na adversidade?

Que extensa e injusta objurgatória!... Pois quê! Não te revelei o suficiente para te contentar? Queres que te desconceitue, que te afronte a suscetibilidade da pudicícia? Exiges que me abalance ao mais nefário dos atentados, à audaz profanação das aras do amor? Que estilhace o véu do mistério augusto, do holocausto solene, que se impõe inviolável à consciência e que tácita, espontânea, instintivamente juramos jamais desrespeitar?

Mas que digo?... Talvez em parte tenhas razão; e pressinto

que me vou tornando austera. Compreendo-te a curiosidade, os anseios, pobre amiga!

Enquanto solteiras, formamos, dos primórdios misteriosos do casamento, juízos vagos e extravagantes, ora fagueiros e sedutores, ora tremendos e minazes, provenientes de frases equívocas e tradições malpercebidas. Quando meninas, são as nossas companheiras de estudo e de folguedos, que ouviram algumas expressões veladas, impenetráveis, referidas para ver se as deciframos; ou é um ato descomunal, efetuado levianamente pelos maiores em nossa presença e que tanto mais nos impressiona, quanto mais se empenham em disfarçá-lo.

Medram os anos na áurea ignorância, até que um dia a própria natureza nos põe alarma no organismo. Sentimo-nos mais refeitas, mais vigorosas; arredondam-se ângulos, preponderam saliências exíguas, adquire a voz timbre mais grave e funções novas se estabelecem. Parece que se nos apresta o ser inteiro para teatro de alguma cena porvindoura, inaudita, incommentável.

Daí a timidez que nos inspira a presença do homem, adversário que a sociabilidade nos habitua a manter afastado, como perigo inevitável, proibição cobiçada; daí receios indefinidos, aspirações indistintas, atrações e repulsões, repugnâncias e simpatias, que ora nos arrastam para ele, ora dele nos desviam. E, assim, em sua presença, escasseiam-nos os risos outrora francos; não ousa a vista fixar-se persistente nos olhos contemplativos e perscrutadores das nossas graças escrupulosas. E a cada passo, no trajeto da vida, esbarramos ariscas com a esfinge da Núbia a propor-nos o insolúvel enigma.

Um dia, cansadas de circunvagare fugitivas, junto às armadilhas inumeráveis dos galanteadores, paramos, colhidas por caçador esperto⁴; e, quando mal nos precatamos, cobrimos de bênçãos as malhas da rede, que o domador, acoroçado pela vitória, reforça de mais enleios. Reponta a alvorada do amor de lineamentos fluorescentes. Coloridos, fragrâncias, melodias, desejos, martírios, tudo nos inebria!

Que doce quadra da existência! Como nos avultam aos olhos, os imperceptíveis nonadas! Um aperto de mão, um roçar de braço, uma conversação à janela, um sim, um não, tudo o que parte do amante nos faz estremecer, nos cala até o âmago das entranhas, agitando-lhes as fibras como em choque galvânico!

Vem rematar a obra o pedido de casamento, que conduz à porta do noivado. Vestem-nos de branco, engrinaldam-nos a frente com o símbolo da virgindade, dão-nos a mão e transportam-nos ao templo. Na volta, ele senta-se ao nosso lado, sorri-se, desata-se em galanteios. Recebemos em casa chuveiros de flores e o flébil amplexo das amigas que nos felicitam, e a quem distribuímos os botões da grinalda. Finalmente vamos passar o primeiro mês longe do indiscreto tumulto da Corte. É então, minha Cecília, quando nos apanhamos a sós com ele, que, lembradas dos pretéritos incidentes do celibato, nos assalta a ideia tremenda do cerimonial da iniciação. Sucedem-se as ânsias, os terrores, a curiosidade acobardada, a luta íntima para nos conservarmos no meio termo da resolução e da pusilanimidade.

Eis aí a história da transição entre os dois estados sociais. Na expectativa do último capítulo, do desfecho de toda a intriga,

o tormento do *querer saber* é indescritível. Bem o compreendo, e tens razão, Cecília, tu, que estás prestes a aventurar o passo crítico. Mas, ó querida amiga, digo-te à puridade, com todas as veras da alma, não há coragem, forças, poder humano, capazes de consentirem na revelação indiscreta de ponto tão melindroso!... Experimenta e dar-me-ás razão.

Por enquanto só uma coisa me é lícito fazer: tranquilizar-te. Tem confiança no que te vou dizer, não me afasto uma linha da verdade.

Afigura-te ascendente à região etérea, balouçada em nuvem cor-de-rosa; fitam os olhos a amplidão azul do firmamento; bebem ouvidos melodias de coro ignoto; destilam os lábios mel e ambrosia; o corpo inteiro afunda-se trêmulo no oceano vaporoso das delícias; e a alma libra-se doidejante na atmosfera da ventura suprema!

Inocente!... suave!... deleitoso!...

E incompleto?... Talvez!...

VII

DE LUÍZA A CECÍLIA (30 de novembro)

Exulta, Cecília, em breve nos abraçaremos.

Tencionava meu marido aqui permanecer o mês seguinte até vésperas de Natal, quando desceríamos a passar as festas no Rio. A mamãe, porém, escreve-nos tão saudosa e penalizada da ausência, que Alberto deliberou antecipar a ida e causar-lhe surpresa. Escuso recomendar-te discrição a tal respeito.

Delineamos percorrer a estrada “União e Indústria” até Juiz de Fora. Pousaremos, ao domingo, no palacete do Visconde de M***, seguindo segunda pela estrada de ferro. Esta digressão pinturesca terá para mim o mérito da novidade. De viva voz dar-te-ei conta das impressões da viagem.

Sempre é verdade que o Paulo pretende abreviar o casamento? Não te dizia eu que era inexequível refrear-lhe a sofreguidão? Estou a antegostar a figura pudibunda, que vais fazer, vestida de noiva.

E o x do problema? Achar-lhe-ás o valor real? Pensarás comigo? Olha, Cecília, não te assustes, sim?

Por aqui, nada de novo. Até lá.

Segunda série

VIII

DE LUÍZA A CECÍLIA

(1º de fevereiro)

Eis-me, afinal de contas, ao despontar do novo mês, longe outra vez de ti e aboletada em Petrópolis, no querido Petrópolis, manso regaço dos meus primitivos amores, formoso éden, onde a felicidade me prodigalizou encarecidos dias.

Sim, não podes avaliar o alvoroço de contentamento de que me possui, ao aspirar as fragrâncias das flores, ao saborear o mel dos frutos, ao ouvir de novo os gorjeios da passarinhada.

E a efusão de ternura com que me acolheu Josefina, sempre trêfega, sempre bem-disposta? E a casa com a frescura, o confortável habituais? E os móveis, a biblioteca, o piano, o toucador, o grande leito de asas brancas, cômodo e suntuoso?

Que impressões agradáveis! Parece que me anda aqui a alma em pedaços repartida...

Porém — forçoso é confessar — no meio da expansibilidade natural, do contentamento ruidoso e infantil, há ocasiões em que me desconheço, me sinto outra. É extraordinário, mas real. Sem motivo plausível, aparentemente explicável, e contra os esforços que faço para me vencer, assalta-me uma espécie de turbacção íntima, um não sei que de enternecimento agridoce, que me arrasta fatalmente aos domínios da melancolia! Impaciento-me

com facilidade e procuro com prazer o isolamento. Um nada faz-me rebentar as lágrimas; mas contraditoriamente, quase no mesmo instante, recaio em mim, espanto-me e rio-me de mim própria.

Agora mesmo, ao lembrar-me de ti, das nossas conversações íntimas, das ocorrências do teu recente casamento e da tua ida para a fazenda do teu sogro, sinto-me assoberbada pela vontade irresistível de chorar.

Alberto já não tem licença de ficar sério em minha presença. Se o não vejo afável, muito jovial, apodero-me da estulta desconfiança de que o aborreço e degenero na tristeza úmida! Sem embargo, meu marido é o mesmo homem, pronto a atender-me nos mínimos caprichos e a preveni-los com instinto divinatório.

A espécie de vácuo impreenchível, que me reconheço em mim própria, começou a ameaçar-me lá no Rio; mas a companhia da mamãe, a tua, a grande variedade de distrações, opunham-se formalmente a que semelhante aberração tomasse o vulto que atualmente vai adquirindo.

Que esquisitice! não achas? Será indício de enfermidade incubada, preste a irromper? Estarei condenada ao suplício dos *fani-quitos* tão antipáticos a mamãe, que me acostumou a detestá-los como eminentemente ridículos? Defenda-me Deus, Cecília, de tal desgraça!

Escreve-me com frequência, minha boa amiga. Não vás agora, toda embebida na lua de mel, tornar-te remissa em cartas. Lembra-te que, em circunstâncias idênticas, nunca o fui contigo. Se soubesses o lenitivo que me trazem!...

IX

DE LUÍZA A CECÍLIA (5 de fevereiro)

Vou-me tornando decididamente impossível. Nem o horror dos famigerados *faniquitos*, nem o desenvolvimento máximo da energia, são-me já suficientes para triunfar do mal extravagante que me tenta avassalar. Determinaram os nervos neutralizar-me as forças vivas da razão. Acomete-me patente o desequilíbrio das faculdades anímicas. Que fatalidade! Chego a ter medo de enlouquecer!

Aprecia por ti mesma. Vou-te relatar, sem comentários, estranho fato, no qual entrei com o principal papel.

Anteontem, pelo cair da tarde, ao arrefecimento progressivo da calma diurna, fomos, eu e Alberto, dar uma volta pela chácara. Depois de algumas passadas ao acaso, defrontamos, em recanto longínquo, com um soberbo tamarineiro, de pouca altura, mas dilatada ramaria luxuriante. Abrange-lhe a imensa e descaída copa verde-clara vasto âmbito explanado. Em redor do tronco, até aos limites dos galhos distanciados, quase a roçarem o chão em elegantíssima curva, é a terra guarnecida de espessa e macia alcatifa de verdura, refrigerada por trépido e cristalino regato, que deriva em álveo de inúmeros seixinhos.

Desafiou-nos o apetite de repousarmos naquele abrigo natural, talvez antigo e discreto coito de amores aborígenes. Alberto estirou-se lesto no relvado, fazendo-me do regaço encosto para a

cabeça. Abarcando-a nas mãos, eu me divertia a anediar-lhe os cabelos. A solidão dormente do local, a hora melancólica da tarde, a inebriante exalação do folhame e máxime a amorosa situação que mantínhamos, se me foram pouco a pouco insinuando na imaginação e nos sentidos, de forma tal que me fui sentindo quebrantada de arfantes e voluptuosas aspirações.

Fitos os olhos nos meus, observou-lhes meu marido a denunciadora expressão, e, achando conveniente reprimir tão extemporânea crise, ergueu-se de golpe e sentou-se a distância, procurando distrair-me com a vivacidade da conversação. Acudiram-lhe à mente assuntos alegres, cujo desenvolvimento achou adequado para a realização do seu intento. Havia, porém, terminado a narração de uma anedota, acentuando-lhe a saída espirituosa, quando desandei num gargalhar infrene, semiconvulso, quase asfixiante. Ao princípio, lisonjeado do bom êxito, Alberto fez coro comigo; mas desde logo, percebendo o descomunal e vertiginoso da hilaridade, cheio de susto, alucinado, tomou-me nos braços, sacudindo-me, chamando-me pelo nome e borrifando-me o rosto, às mãos-cheias, com água do regato.

À impressão salutar do frio sustive finalmente o desenfreamento do riso; mas, por uma daquelas contradições peculiares às nevropatias, sucedeu-se-me copioso pranto, entrecortado de gritinhos suspirosos e abalos rítmicos dos músculos dos membros.

Deixou-me chorar de encontro ao peito, sem me interromper, compreendendo o lenitivo de semelhante desafogo, e quando, já dominada a exaltação, nos dirigimos vagarosamente para casa, ponderou-me com acento de profundíssima tristeza:

— Estás bem doente, minha amada Luíza; precisamos consultar o médico.

Induzi-o a transferir o chamado para o dia seguinte, tão boas foram as disposições em que logo me senti.

Veio ontem examinar-me o dr. E***, o mesmo que trata de Alberto no estabelecimento das duchas. Qualificou-me os sofrimentos de histerismo e a tal propósito entendeu-se particularmente com meu marido, recomendando-lhe que me sujeitasse ao uso de calmantes e banhos frios.

Ao despedir-se de mim, reflexionou:

— Asseguro-lhe, minha senhora, que não há gravidade na sua moléstia; contudo é indispensável que V. Ex. me siga muito à risca as prescrições, por mais extravagantes que lhe pareçam. É o único expediente com que conto triunfar depressa dos seus males e impedi-los de se exacerbarem.

Achei singular esta notificação do médico, inexplicável também para Alberto; mas prometi-lhe a maior docilidade aos preceitos, do que não me arrependo, porque sinto-me muito melhor e espero estar em breve restabelecida.

Adeus, Cecília, abraça por mim titia e o Paulo.

X

DE LUÍZA A CECÍLIA

(12 de fevereiro)

Volto à realidade da vida, Cecília, da vida pesada, massuda, sobrecarregada de dissabores constantes, escassa, avara de momentos de ventura extrema⁵. Desampara-me a felicidade, sem o mínimo escrúpulo da separação. E dizer-se que tal é a lei irrevogável da destinação humana! Ah! boa amiga, saboreia⁶, ingere sorvo a sorvo e bem lentamente o hidromel que, no teu símile mitológico, confessas estar Himeneu a oferecer-te em taça de ouro. Praza a Deus que nunca a esgotes, nunca experimentes sequer o travo de uma partícula félea! Se calculasses a inveja que me fazem hoje as tuas venturas, em que me revejo dorida de saudades!

Observa o contraste que me vai por aqui. Já se não trata de mim, dos meus insignificantes achaques, depressa desvanecidos. É-me outra a origem das mágoas, outra muito mais séria, muito mais grave. Aquele ser que vale mais do que eu, o meu amigo, o meu esposo idolatrado, sofre. Antes do incidente do tamarineiro, já eu lhe havia manifestado apreensão a tal respeito. Notável desfiguramento operava-se-lhe no semblante simpático; cavavam-se-lhe os olhos de pisados círculos; depreciavam-se-lhe as faces e as maçãs; vislumbres anormais de carregada tristeza progressivamente o senhoreavam.

Ele metia-me à bulha os temores e com argúcias de argumentação mos ia dissipando.

— Como queres tu, medrosa, que a disposição de Sancho Pança, depois de jejum de quaresma, possa indicar moléstia?

Não obstante tudo isso, sobrevieram-lhe de repente violentíssimas crises de gastralgia, confirmativas das minhas bem-fundadas suspeitas. E ainda mais: esses sofrimentos lhe promanaram, na opinião do médico, do grande abuso dos condimentos excitantes, contra o qual tantas vezes reclamei sem êxito.

Felizmente está quase restabelecido; quase, digo, porque, se o mal de estômago cedeu, ficou-lhe um sombreamento de caráter muito fora do natural. Há alguma coisa latente que o aflige e me consterna. Assevera o médico que esse mal é também de nervos. Impertinente e caprichosa enfermidade, que nos acomete a ambos, quando, pelo nosso modo de viver, devíamos estar livres dela!

Como depressa se me vai desvanecendo o encanto precioso da existência! Sou totalmente outra; desconheço-me, quando me observo. Cresce-me certo peso sobre o peito, que só se desopri-me com o desabafar lagrimoso. Será isso fatal presságio, ou simples efeito de pusilanimidade?

Seja como for, o amoroso Petrópolis tombou do trono em que eu o alçara. Momentos há que me inspira entranhado aborrecimento. A costura, o desenho, o piano, os livros, a casa inteira me importuna e desgosta. Dizem que o ictérico vê tudo através do prisma da amarelidão: como não transtorna a visão a icterícia da alma!

Escrevi à mamãe, pedindo-lhe que viesse quanto antes até cá. Preciso tanto do seu consolo e dos seus afetuosos conselhos.

Só ela será capaz de engendrar um bálsamo eficaz para as minhas dores.

Quanto a ti, escreve-me, venturosa Cecília, escreve-me sempre, bem extensamente, bem minuciosamente. Dá-me conta dos pormenores da tua felicidade. Não te esculpize a ideia dos meus males. Veja-te eu ao menos gozar e me console a ciência de que não sofres.

Saudades ao Paulo e a titia.

XI

DE LUÍZA A CECÍLIA (18 de fevereiro)

De dia em dia se me incrementa o estado hipocondríaco. Disfarço, forcejo por dominar-me. Em vão! Leio e releio as tuas cartas; procuro nos assisados conselhos, que me sugeres, conforto, guia para o comportamento futuro; faço protestos de corrigir-me; prometo-me, com solenes votos, mudar de sistema, ser enérgica. Impossível! Extenuo-me na própria impotência e cada vez me reconheço mais escravizada pelo despotismo da doentia sentimentalidade. Assemelho-me ao inseto que, se enredou na teia e que, quanto mais se esforça por libertar-se, mais prisioneiro, mais emaranhado fica.

Desenvolveu-se-me, além de tudo, o gérmen de terrível desconfiança. Capacitei-me de que Alberto já não é o mesmo para mim. Nos momentos lúcidos de calma faço-lhe a justiça de crer que me engano. Lamento-me, injurio-me, desprezo-me, chego mesmo à extremidade de odiar-me. Passado algum tempo, porém, perplexa, começo a rememorar pequenos pormenores do nosso viver atual e vai-se-me renovando a convicção errônea da fantástica realidade. Ao princípio, é a sombra de uma dúvida, a qual não tarda a tomar corpo e a transformar-se em probabilidade máxima, para logo atingir ao alto grau de certeza plena.

Pobre de mim! Agora mesmo, tendo principiado a escrever-te, persuadida da minha sem razão, assalta-me o espírito a in-

decisão cruel e prevejo que, antes da terminação desta carta, ficarei estorpecida no martírio atroz.

Será isto o apregoadado ciúme, Cecília? A única noção, que tenho tido de tão feroz sentimento, proveio-me dos romances e dos dramas. Entraria comigo, sem eu o querer, sem o pressentir, a contaminação da paixão tremenda?

Efetivamente Alberto não é o mesmo para mim. Entrevejo-lhe no semblante pronunciados laivos de enfado. Quando me vê, entristece mais. Se o procuro, se me aproximo dele, noto que me admite por condescendência; mas, daí a pouco, disfarçadamente, sorrateiramente, busca pretextos para afastar-se.

— Infundadas suspeitas, dirás, criancices de cabeça visionária.

Não, Cecília, não me engano. Minudências tais poderão passar despercebidas aos indiferentes, mas nunca aos olhos de quem ama. Há muitos dias não lhe mereço um carinho sequer; desprende-se de mim de ponto em ponto; não me beija os lábios, nem a fronte, nem as mãos; foge até de sentar-se a meu lado. Para experimentá-lo, tenho-me tornado garrida, provoco-o, quase me entrego. Embalde! É a mais impassível das estátuas!

Anteontem afrontei o próprio vexame. Outrora, à noitinha, quando as sombras crepusculares invadiam os compartimentos da casa, costumava ele, quase sempre, deitar-se na otomana da biblioteca, descansando a cabeça no meu colo, e ali ficava por longo espaço, até ao crescer da noite. Ultimamente, sem motivo plausível, aboliu essa prática tão grata e que tanto contribuía para a determinação da justa medida de sua ternura. Os primeiros dias sub-

meti-me, não sem reparo, à nova resolução; mas a persistência na privação de hábito que tanto me encantava, acordou-me o desejo de restaurá-lo e o incentivo de reconhecer por que razões meu marido o abandonara.

Enrubescem-me ainda as faces, ao recordar-me de tal incidente. Fiz suprema violência sobre o pudor e tartamudeei um convite no sentido dos meus desejos. Alberto escusou-se não sei como e eu, ganhada de uma dor intensa, corrida de vergonha, ferida de morte no melindre de mulher, dificilmente lhe pude ocultar a vermelhidão que me assomou ao rosto e as lágrimas que me rebentaram dos olhos.

Desgraçada da tua amiga, Cecília!... Seu marido já não a aprecia, descobriu-lhe talvez algum defeito físico, alguma qualidade repugnante. Já não a ama; saciou-se!... Saciou-se, sim; por que to não direi?... Saciou-se, entendes? Sou um ente inútil para ele!... Oh! é horrível, Cecília!... Se, no vigor da mocidade, formosa como dizem que sou, estimando-o apaixonadamente, não possuo o talismã de prendê-lo, de fazer-me querida; se o tenho de deixar escapar para os braços de odiosa rival, prefiro mil vezes morrer, acabar para sempre na paz da sepultura o desespero da vida.

XII

DE LUÍZA A CECÍLIA (21 de fevereiro)

Apresso-me a endereçar-te a seguinte carta. Servirá de desafogo à dor profunda que me assoberba, por ter feito negra e deplorável injustiça ao idolatrado esposo de minha alma! Trelouca-da Medeia, sentia-me lacerada nas entranhas pelas garras aduncas e infernais da hidra do ciúme! Na cabeça criminosa, vazia de senso e critério, acomodava um acervo monstruoso de descabeladas recriminações!

E Alberto tão bom, tão clemente, tão fiel e, o que é mais, tão enfermo!... Oh! como fui cruel e quanto me arrependo!...

Mas quão severa, quão rudemente fui punida!... Se me alforriei das torturas do ciúme, não menos doloroso é o farpão penetrante do remorso que me rompe agora o peito. Em vez de perder tempo em irrisórias declamações, lamentos aviltantes, desnorteados e acrimoniosos juízos, devera ter desenvolvido todas as forças vivas da dedicação em acarinhar meu marido, suavizar-lhe os males, que, na sua inexcedível generosidade, ocultava cautelosamente, para poupar-me o mínimo vislumbre de preocupação.

A suposta tibieza de que o acoimei na derradeira carta, a aparente esquivança, eram inevitáveis consequências dos sofrimentos, ou antes, judiciosa imposição do médico, tendente a debelar-lhe o precário estado da saúde.

Eis como cheguei ao conhecimento de tão pungitiva verda-

de.

Ontem de manhã, tendo-se-me oferecido ensejo de estar a sós com o dr. E***, interpelei-o sobre os sofrimentos nervosos de Alberto.

— Vim justamente aqui, redarguiu o médico, para conversar a tal respeito com V. Ex. Tenho alguma coisa a pedir-lhe.

— Acha-o pior, dr.? interroguei sobressaltada.

— Tranquilize-se, respondeu, o sr. Alberto está doente, mas não corre perigo de vida.

— Que moléstia é?

— Simples mal de nervos. Há esperanças, quase certeza, de ficar bom depressa; mas... interrompeu-se, arrastando a frase e sorrindo-se esquisitamente.

— Mas o quê? insisti com açodamento.

— É preciso auxiliar-me.

— Eu?

— V. Ex., sim.

— Pois ordene, dr. Sabe que para tudo estarei pronta. Sacrificaria a própria vida pela saúde dele.

— Contava com tal dedicação, observou. E acrescentou:

— O que lhe vou pedir não deixa de ser um tanto oneroso; mas é realizável, sem grave dano para V. Ex. Permita-me, entretanto, que lho não declare já; o sr. Alberto fá-lo-á provavelmente esta tarde.

Semelhante conversação com um clínico provecto e distinto, contribuiu para tranquilizar-me de alguma forma; mas não deixou de me fazer mossa o ar misterioso e quase de malícia, com

que se exprimiu a respeito da influência que me era dado exercer sobre a enfermidade de Alberto.

— O que haverá? monologava pensativa. Por que me não declarou logo o médico? Que razão extraordinária o instigou a encarregar dessa missão o próprio doente? Haja o que houver, não estou pronta para tudo? Não será mesmo de desejar que exijam de mim um sacrifício, uma prova do quanto é capaz a minha dedicação? Que prazer me não traria o seu reconhecimento!

Acudia-me às vezes à lembrança serem seus males de ordem moral; mas o fato de não experimentar visivelmente a mais ligeira contrariedade junto a mim, tão a par de sua vida, tão amada e que tanto o amava, desvanecia-me essa conjectura. Por mais tratos que desse à imaginação, nada compreendia.

Tendo o dr. E*** apressado a declaração para a tarde, não quis, apesar da ansiedade, tocar intempestivamente no assunto, expondo-me a qualquer descabida indiscrição.

Chegou afinal a hora suspirada. Acabara eu de executar ao piano uma sonata de Beethoven, predileta de Alberto, quando este, pousando-me as duas mãos nos ombros, me disse entre um sorriso triste e afável:

— Então, Luíza, desejas que siga à risca as prescrições do dr. E***?

— Sem dúvida, respondi, se confias na sua competência.

— É que esta última, minha pobre Luíza, é um pouco extravagante e faz-me nascer o escrúpulo de pô-la em prática, pelo receio de contrariar-te.

— Embora! apressei-me em replicar. E com solicitude: —

Demais é impossível que isso aconteça, desde que se trata do teu bem.

— Obrigado, agradeceu Alberto; e depois de um momento de hesitação: — Queres saber então?

— Quero, sim.

— O dr. E***, continuou com certo tremor de voz, encarando-me piedosamente, exige que separemos os leitos.

— Separarmos os leitos! exclamei, mau grado meu, estupefata.

Das numerosas presunções que me haviam acudido, nem por longe me ocupara semelhante excentricidade.

— Sim. Isso te repugna, não é verdade? inquiriu meu marido impressionado.

— Oh! não! contestei tranquilamente; mas acho inútil e vexatória semelhante precaução.

— Por quê?

— Se, assim como é benigna, a tua enfermidade fosse muito grave, entenderia o dr. E*** extorquir-te o direito dos meus cuidados, somente para eu também não adoecer.

— Agradeço-te o desvelo, querida Luíza, mas não se trata de mal contagioso. A tua convivência muito em contato comigo produz-me certos abalos nocivos, que, por me serem muito gratos, tiram-me a força necessária para resistir-lhes. Ora, são justamente as comoções fortes que o médico proíbe. O exílio, entretanto, não será duradouro. Breve estarei restabelecido e reintegrado no usufruto dos direitos, de que a moléstia me pretende esbulhar.

Fez-se-me então a luz no espírito. Alberto falava verdade. Os referidos abalos existem realmente e em mim própria atuam, deixando-me notável abatimento, esgotamento inenarrável.

Animado pela boa vontade do meu assentimento, Alberto prosseguiu, fazendo-me ciente de todos os pormenores indispensáveis para seu restabelecimento rápido. A separação noturna deve subsistir também durante o dia. Ficam abolidos os mínimos contatos e até qualquer gesto, qualquer ato que possa acordar de leve a lembrança e o desejo de amor mais vivo. Devo considerá-lo anacoreta e eu mesma tornar-me vestal.

Estás no caso de avaliar-me o tormento. A sua simples enunciação ter-te-á causado certamente um movimento de horror. Lamentar-me-ás enternecida a desdita. Pois bem, Luíza, apesar de tudo, sinto-me possuída de coragem inaudita, superior às minhas forças. A ideia de que semelhante acontecimento fatal é a justa punição do desconceito que cheguei a formar de meu marido e, por outro lado, a consciência do sacrifício, operaram o milagre.

Escrevi de novo à mamãe, rogando-lhe que viesse até cá. Espero-a hoje ou amanhã. Com os bons conselhos e a ternura dela, estarei pronta a afrontar com hombridade os mais duros contratempos.

XIII

DE LUÍZA A CECÍLIA

(27 de fevereiro)

Há longo tempo te não escrevo tão bem-disposta como hoje: mamãe chegou há quatro dias. Achou-nos desfeitos e em vista disso dispensou-nos tanto zelo, tão suave auxílio, que tudo começa a entrar nos respectivos eixos.

Aliviou-me do peso da administração da casa; mas, para me não reduzir à ociosidade completa, ora inventa acepipes que fazemos de parceria, ora trabalhos de agulha delicados, originais, em que é versadíssima. Projetamos bordados em talagarça, desenhos em cetim, trabalhos de lã, crivos, crochês enfeitados, verdadeiros primores em que hás de ter quinhão.

À tarde, saímos os três a passeio: ela no centro e nós aos lados, como paladinos. Temos ido assistir à chegada dos carros da Serra. Quantas originalidades por ali aparecem! quantas intriguinhas de amor neste Petrópolis! Se te fora a referir tudo teria matéria para centos de cartas. Frequentamos também o teatrinho e o bailarico dos alemães. À noite, jogamos as cartas, ou a mamãe diverte-se ao xadrez com Alberto. Assisto à partida, planejando contra meu marido, o mais forte. Não há divertimento de que mamãe se não lembre, para distrair-nos.

Santo mister de mãe! Quão elevado não é, Cecília, sabê-lo cumprir com religiosidade! Como se nos desvanecem ou atenuam as mágoas ao simples sorriso dela! E muitíssimas vezes sabe Deus

quanto não pesa ao coração que o inspirou! À cabeceira do filho, ameaçado de morte, a mãe sorri-se, ao mesmo passo que por dentro lhe estalam e sangram todas as fibras do peito! Sublime hipócrita! mirífica renúncia de egoísmo!

Não me quis a sorte conferir ainda as regalias da maternidade e, no entanto, preparada por salutarexemplos, sinto-me talhada para usufruí-las. Distribuindo os afetos íntimos por minha mãe, meu marido e meu filho, creio que atingiria ao supramundo da ventura terrena. Como ser-me-ia grato acalantar nos braços a tenra criaturinha, fruto do puro amor! Como lhe acudiria pressurosa ao mais tênue vagido, fornecendo-lhe o alimento do próprio seio! Dizem que mães desnaturadas mandam aleitar por outras os próprios filhos, para se não privarem de folguedos e de certas graças. Quão bárbaro não é semelhante procedimento! Antepor a vaidade ao santo amor filial é infenso ao próprio instinto dos irracionais!

Continua o nosso afastamento conjugal. O sacrifício, nos primeiros dias, custou-me mais do que supunha; agora, tolero-o melhor, graças ao poder do hábito. Com boa vontade e persistência não me será difícil atravessar esta fase conventual.

Não sei onde li que o amor completo consiste no comércio recíproco da matéria e do espírito entre os dois seres amantes. Quanto a mim, peço por demasiado absoluta semelhante asseveração. Que amores mais perfeitos que o de Petrarca por Laura, de Dante por Beatriz, de Camões por Catarina de Ataíde, de Abelardo por Heloísa? Não será antes o fato corporal degradação dum sentimento tão fino, tão puro?

Não sei se Alberto pensará da mesma maneira; mas a verdade é que lhe cooperou eficazmente na melhora muito sensível a norma atual de vida. Já não se queixa do estômago, alimenta-se bem e refaz-se a olhos vistos. Subsiste-lhe ainda, sim, o ar melancólico, agravado por certa irritabilidade anormal; mas a mamãe assevera ser tal impertinência natural da convalescença e, por conseguinte, mais para se desejar do que para se temer.

Desta arte, pois, Cecília, suponho dissipadas as manchas negras que turvavam o fundo claro da nossa ventura. Rendo graças a Deus por tanta munificência e, com tal fervor o faço que desando quase sempre a chorar comovida. Se sou tão sentimental, tão piegas!

Continuas no teu céu aberto? Já se vê! É Paulo para aqui, Cecília para acolá e o mundo muito além! Pois aproveita, sonsinha, esses momentos de felicidade, que os não há iguais na vida. Com tudo isso não te esqueças de abraçar por mim a titia.

XIV

DE LUÍZA A CECÍLIA (1º de março)

A mamãe enganou-se. A irritabilidade de Alberto não é bom indício; é sintoma extravagante da moléstia que perdura. Nunca o vi tão suscetível; com qualquer insignificância se exaspera, discute acrimoniosamente. É um exemplo vivo da funesta influência das desordens físicas sobre o moral. Se o não amasse tanto e não fosse a primeira a reconhecer como involuntariamente se arrebatava e como depressa se arrepende, ter-me-ia já melindrado.

A miúdo têm-lhe sido os fâmulos tributários dos maus humores. Tão condescendente ao princípio, tornou-se agora de insuportável exigência. O Carlos, criado da copa, anda numa doba-doiira; o cozinheiro nunca lhe prepara comida que preste; e nem perdoa à própria Josefina, a quem tanto considerava. Outro dia trouxeram-lhe o café um tanto fraco. Reclamou azedamente e, à primeira desculpa que o portador quis articular, varejou de repelão xícara e pires pela janela fora. E isto na presença de minha mãe e na minha!

Poucos minutos depois acalmou-se, entrou em si, maldisse o gênio insofrido, desfez-se em desculpas e, tendo chamado de novo o criado à sala, falou-lhe de modo a desfazer o mau efeito do recente excesso. Não sei o que mais aturdiu o pobre rapaz, se a exasperação, se as maldisfarçadas desculpas do amo.

Minha mãe e eu desvelamo-nos por o não contrariar, nem

lhe dar o mínimo motivo de queixa; mas, apesar de toda a precaução, não pude ontem evitar que se encolerizasse.

Eis o caso. Veio a pelo conversarmos sobre a concepção filosófica do amor. Sustentei, no terreno teu conhecido das minhas convicções, que esse sentimento se podia exercitar, na máxima amplitude, abstraído da intervenção material. Contestou-me com veemência a opinião e, como eu acumulasse argumentos sobre argumentos, sem estar disposta a deixar-me vencer, exaltou-se e bateu violentamente com os punhos cerrados sobre a mesa. Emudeci, chocada por tão insólita dureza de proceder e, na estrangulação do susto e da mágoa, senti, sem poder reprimi-las, desfiarem-se-me duas grossas lágrimas pelas faces afogueadas.

Então meu marido transformou-se; o leão tornou-se cordeiro; a ira tombou-lhe aos pés demudada em profunda submissão. Esquecendo as recomendações do médico, atirou-se a mim, desvairado, acusando-se, injuriando-se, e, num abraço estreito, muito longo, entre ósculos ardentes, enxugou-me a umidade da face. Infundida de espanto, quis desvencilhar-me dele, recordando-lhe o perigo da transgressão do regímen; mas, sem me atender, fora de si, clamou:

— Oh! deixa-me, deixa-me, Luíza, cevar a fome de desejos que me devora e tortura...

— Mas... ia eu a obtemperar.

— Não, não digas nada, interrompeu, apremendo-me ainda mais de encontro ao peito. Por este doce enlace daria agora mil vidas, se as possuísse.

E afogou-me as palavras em beijos.

Preso de um delíquio, tombaram-me os braços desfalecidos, sem forças para afastá-lo.

Faze ideia por aqui, Cecília, que desordem lhe reina nas faculdades psíquicas e a que grau imprevisto poderá ela ainda chegar. Apagou-se-me o raio esperançoso da renovação dos bons dias, e rogo a Deus com fervor que, misericordioso, me ampare e defenda nas agruras da desdita.

Adeus, deplora a tua infortunada amiga!

XV

DE LUÍZA A CECÍLIA

(9 de março)

“Inocente, sereno, deleitoso!...

E incompleto?... Talvez!...”

Eis como findava eu uma das primeiras cartas que te endeecei, quando exigias, com infantil curiosidade, dilatados pormenores sobre a estreia do nosso viver conjugal.

Vieste depois a casar e adquiriste oportunas habilitações para avaliar por ti mesma das circunstâncias companheiras do grande ato nupcial. Mais tarde, quando se nos ofertou ensejo de praticarmos sobre tão melindroso assunto, increpaste-me de inexata, de mal-explicita e até de falaciosa. Adepta convencida da severa discrição nesses pontos delicados, compreendias e aprovavas o dever da reserva bem-entendida, só compatível com a dignidade da esposa; mas, entre a reserva em que me acastelei e a realidade exata, mediava tão grande distância, que só admitias como justificativa das minhas sofisticas asseverações e exagerada prudência, adotada adrede por mim para te não incutir pavores.

Outro elemento de discordância no nosso modo de julgar foi a qualificação de incompleto, que dei ao ato aludido. Na tua opinião, nada há aí que autorize aquilatação tão inverídica. Julgas tudo, ao contrário, natural, íntegro, sem a mínima falha ou discrepância.

Com a plena consciência de que não te havia iludido, quis

eu entrar então em latas explicações; mas (lembras-te?) opuseste-te formalmente, toda corada, à minha insistência, considerando-me que se tratava de fato consumado e mostrando-te, contraditoriamente, ainda mais rigorosa que eu, no princípio da manutenção do segredo. Neste entrementes, chegou teu marido, e forçoso nos foi interromper o fio dos comentários, sobre os quais não tornamos a voltar até hoje.

Cumpre, todavia, dizer-te: não me dei por vencida naquele momento. Da verdade havia-te informado lealmente; e, se a não aceitavas como tal, era para mim fora de dúvida, por motivos inapreciáveis, a ocorrência de eventualidades bem diferentes para nós ambas, no exercício da mesma função. Em que consistia pois a diferença? Que motivos misteriosos a verificaram? Tais eram as pertinazes apreensões, que me agitavam constantemente o espírito até alguns dias passados.

Descobri finalmente a chave do problema. Tiveste razão, Cecília; fui eu quem te enganou sem ter tido esse propósito. Há uma coisa, todavia, incompreensível e de que nunca ousarei pedir explicação a meu marido. Foi a delonga, a transferência, a espécie de contemporização na prática de um ato, que o mais natural era ter sido logo iniciado⁷. Imposições do médico talvez! Mas não antecipemos.

Deves estar bem inteirada da maneira casual, por que transgredimos as recomendações do dr. E***. No dia subsequente, Alberto revelou-lhe tudo, notificando-lhe a nocividade da parte proibitiva do tratamento, a que atribuía a alteração do caráter. De tais argumentos se valeu que o bom do médico transigiu e levan-

tou-nos o edito da separação. Fomos reintegrados no pleno exercício dos direitos amorosos, apenas com obrigação de uso parcimonioso.

Até aqui nada de extraordinário. Dois dias, porém, decorreram apenas, quando uma noite meu marido se me apresentou sob aspecto totalmente novo. Animava-o formidável desígnio, flama inextinguível, que me encheu de susto e estupefação.

Ele até então inofensivo, delicado, cheio de cordiais prevenções, assumiu repentinamente as proporções de uma atividade malévola, que não recuou ante a minha própria dor, os meus gemidos e os resultados contusivos da inaudita sofreguidão.

Quis-lhe ao princípio antepor paradeiro aos insólitos transportes. Embalde! As súplicas, os queixumes, as próprias repulsas, longe de o aplacarem, o instigavam ainda; de tal jeito que, desesperançada de contê-lo, desfaleci esmorecida, resolvida a morrer, se tanto fosse preciso, sem articular a mínima recriminação.

Miraculosa influência do amor, Cecília! Da minha própria fraqueza tirei forças para a tolerância muda, sem reação, devotada, como se se tratasse de ministrar um benefício ao meu amado ofensor. E o que é mais descomunal, o que não se explica racionalmente: encontrei delícias no apogeu da dor aguda! Sublime natureza, que tanto mais é grandiosa, quanto mais se contradiz aos olhos mesquinhos do homem! que consocia elementos opostos — a guerra e a paz, a luz e a treva, o riso e a lágrima, o martírio e o deleite — para do embate deles derivar os mais deslumbrantes efeitos, as mais prodigiosas combinações!

Amolentada por tão imprevista quão áspera luta, careci de

forças na manhã seguinte para erguer-me e entregar-me às ocupações habituais. Só, quando o sol já montara o alto horizonte, tentei o esforço de vestir-me e comparecer na sala. A pobre mamãe, ignorando o ocorrido, dispensou-me zelosas carícias, insistiu pela vinda do médico, pediu-me explicações esmiuçadas sobre um mal que não calculava, nem eu lhe podia confessar, e só se tranquilizou, quando me viu totalmente restabelecida.

Ao recolher-me, à noite, palpitei receosa de que meu marido reincidisse; mas felizmente deixou-me em paz, num sono restaurador. Não tardou, contudo, a superveniência de novo atentado, análogo, por parte dele, ao primeiro; porque, para mim, Cecília, que diferença! Como por encanto, substituíram-se as circunstâncias aterradoras do primitivo ato por um acompanhamento agora cheio de atrativos.

Mais sereno, mais deleitoso que nunca. E completo?... Sim, perfeitamente.

Versátil condição das coisas humanas! Arraiga-se-nos com todas as veras no espírito uma convicção, uma crença, suposta inabalável. Aferramo-nos a ela, lutando por defendê-la na discussão contra os assaltos das opiniões adversas; vemo-la esplendente, ao clarão prestigioso e inextinguível da verdade; mas chega outro dia, e um ato simples, inesperado, com eloquência titânica, derruba por terra, despresticiosamente, sem argumentação, o castelo inteiro, que havíamos levantado, como baluarte da ilusão passada!

É o que me sucede agora.

Abjurei o culto do platonismo quimérico: um ato experimental foi-me bastante para apeá-lo do capitólio a que o alçara a

fantasia.

Adiro ao parecer de Alberto, a quem manifestei a recente e nova profissão de fé. Agora compreendo como marido e mulher constituem dois seres complementares, quer física, quer moralmente. A espécie de sensível lacuna, que se me acusava, por instinto, no exercício íntimo do amor, foi cabalmente preenchida. E que duplicada ventura me promanou daí! Primeiro, o conhecimento de transcendentais arroubos, incomparáveis aos do simulacro que eu já gozava; depois, a satisfação de uma necessidade intelectual, o gozo de quem descobre a legítima solução de um enigma até então indecifrável.

Como limpidamente se me aclararam agora as nevoentas noções tradicionais, longevos rebentos da segunda infância, que já tive ocasião de mencionar! Como interpreto com justeza aquelas frases dúbias de que usaste, cujo sentido velado evitavas explanar, supondo talvez que eu achasse de fino tom a absoluta reserva nesse ponto! Ah! decididamente sinto-me ter nascido para amar, e para amar integralmente, com o concurso geral das forças ativas desse sentimento sublimado!

Termino aqui, Cecília; a hora vai adiantada. Sou venturosa indubitavelmente; mas tal ventura se aperfeiçoaria em grau supremo, se completamente se esvaíssem certos laivos de tristeza, que ainda assombram o caráter de Alberto, escapando-me a todo o esforço de penetração explicativa. Engano meu, talvez.

Terceira série

XVI

DE CECÍLIA A D. MARGARIDA

(19 de março)

Vai por dez dias, minha querida tia, que não recebo cartas de Luíza, apesar de lhe haver escrito sempre com regularidade. A que atribuir tão prolongada omissão? Estará ela, ou alguém da família, doente? Aumentariam os incômodos do Sr. Alberto? Estou ansiosa por sabê-lo. Sem motivo extraordinário Luíza me não deixaria de escrever.

Mamãe está também muito aflita e já teve ideia de despachar um expresso para trazer notícias.

Rogo-lhe, pois, o encarecido obséquio de responder-me, assim que esta receber, referindo-me o essencial em poucas palavras que seja.

XVII

DE D. MARGARIDA A CECÍLIA

(20 de março)

Escrevo-te muito à pressa, Cecília. Alberto esteve gravemente enfermo, quase perdido. Luíza, no extremo da desolação, caiu de ataques nervosos, uns sobre outros. Só eu (e Deus sabe quanto nos tem custado!) e a boa Josefina encaramos de frente a terrível tempestade. Uma porção de noites não pregamos olho. Felizmente o médico deu muito boas esperanças. Adeus, lembranças a Maria Cândida.

XVIII

DE CECÍLIA A D. MARGARIDA

(24 de março)

O portador trouxe-nos verbalmente a gratíssima notícia de estar o sr. Alberto totalmente livre de perigo e quase em convalescença, ficando a senhora e Luíza muito animadas. Faça ideia do quanto nos regozijou semelhante comunicação; apesar disso, para completa tranquilidade, desejávamos ver a boa nova confirmada por letras suas. Poderá fazer-nos a vontade?

XIX

DE D. MARGARIDA A CECÍLIA (26 de março)

Sim, minha boa Cecília, é verdadeira a nova que recebeste. Alberto entrou em convalescença. Pela primeira vez sentou-se ontem na cama; mas ainda está muitíssimo fraco e desfeito. Fade Deus com melhores auspícios a nossa desolada família. Luizinha melhorou dos acessos nervosos e tudo parece entrar na órbita natural.

Imagina oito longas noites, veladas à cabeceira de um ente querido, a estudar-lhe o mínimo gesto, a mínima contorção do rosto, a mínima palavra, que, ora nos enchia de esperança, ora nos engolfava no mais profundo desassossego, e farás frouxa ideia das nossas torturas. Felizmente dissipou-se tudo e agora, quando rememoramos alguns incidentes passados, rimo-nos do burlesco, que muitas vezes a moléstia motivou.

Resolveu o dr. E***, daqui a dias, quando Alberto estiver mais refeito, levá-lo a Barbacena, a fim de conferenciar com o abalizado clínico barão de P***. A viagem trará outrossim o proveito higiênico da mudança de ares. Adeus, abraça por mim tua mãe.

P. S. de Luíza. — Tenho muito, muito que te relatar, Cecília. Começarei a escrever-te, apenas Alberto siga viagem.

XX

DE LUÍZA A CECÍLIA

(2 de abril)

Graças à divina potestade, querida Cecília, posso reatar o fio interrompido da nossa correspondência. Com que ansiedade aguardava eu estes momentos suspirados! Se soubesses que inefável conforto me promove a transmissão confidencial das minhas mágoas! que lenitivo, que consolo me provém dessa distribuição fraterna dos pesares! Contigo, ó minha irmã, ó minha doce amiga, posso abrir-me mais desassombradamente do que com minha mãe, ou meu marido; porquanto só tu me compreendes a fundo, só tu me outorgas esse privilégio, sem me violentares o natural vexame!

E que sucesso extraordinário tenho agora a referir-te, que surpresa inaudita, de complicada interpretação! Ponho ordem à confusão que me campeia no espírito e começo.

A sorte, determinando ludibriar-me, elevou-me ao pináculo da felicidade, para de lá precipitar-me nas profundezas do desespero. Sorriu-se-me alguns dias efusamente, para logo me carregar o sobrolho, arrependida, cheia de ira e vingança. Depois das noites edênicas, passadas em companhia de meu marido, cuja enumeração me formaram o assunto da última carta, amanheceu ele um dia, queixando-se de dores atrozes. Mau grado a sua apregoada convicção de que todo e qualquer sofrimento físico deve ser tolerado com impassibilidade espartana, não se podia furtar às ex-

pansões em altos gemidos. Erguia-se do leito como alucinado; media a passos largos o aposento; sentava-se, deitava-se, levantava-se alternadamente, contorcendo-se no auge do desassossego. Na angustiosa ansiedade de vê-lo calmo, sugeri-lhe a ideia de um banho morno; mas, apenas começou a tomá-lo, sobrevieram-lhe náuseas e vômitos espedaçadores, acendendo-se-lhe logo após uma febre urente.

O dr. E***, reclamado com toda a urgência, já o encontrou delirando.

— Vem, Luíza, vem, meu amor!... Não serei mais inútil para ti... Honrar-te-ei a mocidade... Olha!... Vês... Não... não posso, clamava em tom aflitivo, com os olhos chamejantes de desvairamento, ora abraçando-me com ternura, ora repelindo-me de si, com ares de louco, que me petrificavam de susto e dor.

Apenas chegado, o doutor impôs-me formalmente que saísse do quarto e, depois de examinar detidamente o enfermo e de lhe aplicar os primeiros medicamentos, que lhe trouxeram incontestável alívio, chamou-me de parte, para indagar, se meu marido não continuava a abusar dos condimentos estimulantes.

— Não, respondi-lhe. E acrescentei que, ao contrário, a nossa alimentação pecava por demasiado insossa, desde que, por causa dos adubos picantes, Alberto enfermara de gastralgias.

— E não sabe se está a fazer uso de algum remédio? inquiriu interessado.

— Há algumas noites para cá, retorqui naturalmente, tem tomado, antes de se deitar, algumas gotas do líquido de um vidrinho, que o senhor lhe receitou para o estômago.

— Hum!... resmungou o médico, cabeceando mesuradamente, como quem descobriu o que procurava. E depois, atendendo em mim com olhar perscrutador:

— E não lhe notou diferença alguma na maneira de tratá-la? inquiriu.

— Diferença?... Em que sentido?... interroguei por minha vez, sem lhe atinar logo com o oculto da intenção.

— No sentido de... de carícias? significou o médico, gaguejando.

Estava bem patente a alusão. Afluiu-me em ondas o sangue ao rosto e baixei os olhos sem lhe poder responder; mas o dr. E*** notou esse movimento espontâneo, que me traiu totalmente, e para me atenuar a confusão, continuou:

— Tem aí à mão o vidro de que me fala?

— Sim; está na secretária da biblioteca, murmurei.

— Deixe-mo ver?

Corri ao lugar indicado e trouxe-lhe o frasquinho. Não tinha rótulo explicativo; mas o médico mirou-o, destapou-o, tomou o cheiro ao conteúdo e chegou mesmo a prová-lo. Depois, voltando-se para mim e indigitando-me o frasco:

— Eis aqui está, minha senhora, disse, a origem da moléstia de seu marido. É este líquido. Bem mo parecia!

— Como! admirei. Pois não foi o dr. quem lho receitou?!

— Não, senhora, respondeu de pronto. E num tom irritado:

— Foi ele quem o tomou de *motu proprio*.

— Dar-se-á caso então que meu marido se envenenasse?!

clamei horrorizada.

— Pouco mais ou menos, retrucou rudemente o doutor.

— Oh! não é possível! contestei, duvidosa das suas assevera-
ções. E objetei: — Alberto não tinha motivos para se suicidar.

— Não se suicidou direta e positivamente, obtemperou
E***, mas quis-se deixar matar pelo amor.

Caí, sobre a cadeira, fulminada e com as arcas do peito
constringidas por uma barra de ferro, sem compreender nitida-
mente a afirmativa de E***. Tive, contudo, vago pressentimento
do mal de Alberto, que filiei ao seu comportamento das noites
passadas.

— Tranquelize-se, minha senhora, seu marido salva-se com
certeza, assegurou o médico, notando-me o estado aflitivo; mas é
preciso que o mal se não reproduza e que ambos me sejam dóceis
aos conselhos.

Eu já não podia articular palavra; sentia-me vertiginosa,
com um nó na garganta e necessidade imperiosa de gritar; mas
consegui conter-me com a ideia de que podia agravar os sofri-
mentos de Alberto.

Que enxame de reflexões desencontradas me volteavam en-
tão na mente! Pois será decreto irrevogável do destino que se nos
depare sempre, na aspiração das perfumosas flores, o áspide ve-
nenoso, tredamente abrigado nos escondrijos da corola? Será crí-
vel e natural que ao fruto proibido se mantenham inerentes as
mais sedutoras qualidades, como engodo da armadilha do peca-
do? Pois o amor é o crime, o amor é a morte? Não é antes o laço
indissolúvel que entretém o equilíbrio em todos os seres, que os

une, que os aviventa, que os reproduz na série indefinida dos tempos?

— O amor é que o mata, disse o médico. Mas porventura o amor pode matar? A tua sublime criação, ó natureza, será tão somente traidor e requintado instrumento de destruição? Dizem que o haxixe transporta a quem o toma a um mundo novo de ilusões óticas, sorridentes, miragem da verdadeira felicidade; mas que, ao mesmo tempo, infiltra na continuidade do tecido orgânico o gérmen sinistro do esfacelamento. Será o amor o haxixe do tecido moral, a terrível mandrágora que inebria e conduz concomitantemente à insensibilidade gélida?

Quando, ainda hoje, revolvo no pensamento estas reflexões tremendas e evoco a lembrança da suprema ventura, usufruída nos braços de Alberto, tenho vontade de morrer. Cecília, mas... de morrer, amando!

A moléstia de meu marido foi uma luta desesperada. Oito noites passei-as engolfada na mais horrível ansiedade, ora à cabeceira do leito, desenvolvendo toda a energia da dedicação; ora atônita, aturdida, quebrantada por convulsões histeriformes. Revestiram-se sempre minha mãe e Josefina de imperturbável heroísmo, e, nos transes mais acerbos e arriscados, tinham bastante coragem para se deterem serenas, sendo-lhes muitas vezes necessário distribuírem-se por nós dois.

Declarou-o, por fim, o médico livre de perigo. Que completa transfiguração, porém, se lhe operou no ser íntimo! Como se lhe gravou no semblante o estigma assolador da moléstia! Não o reconhecerias hoje, se o pudesses ver de surpresa. Avincou-se

-lhe a face de novas rugas, encaneceram-se-lhe de todo os cabelos e debruçou-se-lhe mais para frente o tronco, subjugado por peso superior às forças. Em quinze dias, Cecília, envelheceu dez anos!

Partiu hoje para Barbacena. Decidiu o dr. E*** ouvir em conferência o barão de P***. Inspire Deus ao sábio ilustre nos conselhos que terá de preceituar. Quanto a mim, vou já suplicar-lhe a divina graça, com o melhor de minha fé religiosa. Ele, que é tão bom e tão clemente, não me ouvirá?

De todo esse episódio lamentável conservo em mente uma circunstância, que me intrigou inexoravelmente e ainda hoje me baila na imaginação com persistência feroz, que me exaspera e irrita, a ponto de levar-me ao desespero. Para a sua interpretação invoco a tua lucidez e rogo-te que não dispenses mesmo a interferência do dr. Paulo, se tanto for preciso.

Não pus fora, como me recomendou o doutor, o vidrinho continente do líquido suspeito. Desejo saber a espécie de veneno que é. Remeto-to em confiança, para o mostrares ao dr. Paulo e indagares dele a respectiva qualificação. Segundo ouvi dizer mais tarde, chama-se cistite a moléstia que produziu. Evidentemente o dr. E*** evitou fornecer-me mais latas explicações a tal respeito. Não lhe percebi os motivos da reserva, a qual serviu apenas para mais me aguçar a curiosidade. Há aí mistério que me escondem e que forcejo por descobrir. Faze-me tu a vontade, Cecília, por intermédio do Paulo. Interessa-te pelo meu pedido e sê breve na resposta.

Adeus, abraça por mim tua mãe.

XXI

DE PEDRO DE OLIVEIRA A ALBERTO DE FREITAS (5 de abril)

Há seis meses passados, quando pela primeira vez me consultaste acerca do teu projeto de casamento, expus-te com entranhada lealdade e franqueza as razões que me levavam a impugná-lo. A tua preferida era, indubitavelmente, condigna a todos os respeitos desse posto honrosíssimo da família. Além de dotes físicos inestimáveis, deixados na sombra, como secundários, pelo meu encarecimento, prendavam-na todas as flores imarcescíveis com que sói a virtude compor a preciosa grinalda das virgens; e ainda mais: quanto a foros de raridade, possuía ela espírito fino e atilamento não vulgares, reforçados por cuidadosa instrução. Não te era dado, pois, tender a melhor alvo, nem tinha que ver a minha reprovação com tão judiciosa escolha.

Externei, entretanto, gravíssima ponderação, que a mágoa de transmitir-ta ma teria feito abafar, se, mais forte que a última, o dever sagrado da amizade ma não viesse arrancar do peito. Eras já adiantado em idade, para aspirares com jus incontestado à aliança de tão virente e desabrochadora mocidade. Nunca jamais outono que calveja e se resseca subsistiu tão mão por mão com florida primavera; nunca jamais se quedou em intacta cristalização gelo assim exposto à reverberação dos raios quentes do sol! Essa combinação dissonante que buscaste transformar em mavioso acorde, falsearia forçosamente na execução, iludindo-te o empenho des-

pendido e dando em resultado um desconchavo.

Não me eram estranhas, de mais a mais, as condições precárias da tua saúde, naquele ponto imprescindível para a obtenção do objetivo completo do matrimônio, a não ser que pretendesses com platonismo obrigado e inevitável, restringir a ação do sacramento procriador. Apelavas para não sei que pareceres de abalizados profissionais, que te aconselhavam semelhante passo como expediente terapêutico eficaz. Desgraçado arrojo de reflexão que pôr-te-ia em relevo insensatez e desfaçamento descomuns, se não fora uma sorte de tábua de salvação na luta tempestuosa, travada no teu espírito entre a razão e o sentimento!

Foste pusilânime, Alberto; encegueceste ao fixar a luz deslumbrante da formosura, que já se não refletia para ti; não tiveste a prudência, a coragem bastante, para impedir a centelha de propagar-se à substância explosiva do teu coração. A consequência foi essa paixão, rebentada em peito de homem amadurecido, onde é de lei arraigar-se mais vivaz que no do moço. Cerrando ouvidos pertinazes a amigas admoestações, casaste e deste margem ao cumprimento formal e desgraçado dos meus vaticínios.

Sim, Alberto, és extremamente infeliz! Esse martírio horrível do tabescente recrudescer, quando tentavas aplacá-lo. Dolorosa situação a tua, em que buscas improficuamente o comparte de regalias que tua esposa tem o sagrado direito de exigir de ti! O abutre do desespero devora-te as entranhas, adejando-te por sobre o corpo de Prometeu, agrilhado ao poste granítico da impossibilidade!

Nessas conjunturas lastimáveis, um novo erro, erro grave,

patenteou-se-te como remédio lícito e possível. Aviltaste-te ainda mais, criando no organismo esgotado posições falsas, situações artificiais, sem calculares que, com tal expediente, derruías de todo em todo a saúde já solapada, e maculavas, perante a consciência da razão, as vestes alvas da candura.

Uma carta de tua mulher acaba de revelar o teu grave delito à sua amiga Cecília. No auge da solicitude conjugal quis ela saber que moléstia extraordinária a distanciava de dia em dia de ti. Via-te minguar progressivamente, inscrevia-se-te no rosto a esqualidez da fome do tormento, cavavam-se-te as órbitas entre círculos pesados, depauperavam-se-te as forças do corpo e do espírito. Umas noites fugias dela, outras a procuravas com afã desusado e pavoroso. A pobre vítima, receosa do teu destino, amedrontada pela ideia de desfecho lúgubre, requisitou de sua amiga Cecília a explicação dos teus males físicos, por intermédio do dr. Paulo; e para facilitar a capitulação da moléstia, enviou-lhe o frasquinho que tiveste a imprevidência de não inutilizar, nas vésperas da partida para Barbacena.

Chegou a carta ao destino e as recomendações de tua esposa foram fielmente cumpridas. O dr. Paulo reconheceu o líquido suspeito e desde logo descobriu a origem dos teus males. Que explicação se lhe sugeriu para satisfação da curiosidade da mulher, não sei⁸; mas a verdade é que, por delicadeza fácil de apreciar, procurou-me como o único autorizado a prevenir-te contra imprudências ulteriores.

— Guardaria absoluto silêncio sobre tão desastrado incidente, disse-me ele em tom lastimoso, se me não corresse na pro-

fissão que exerço o dever sagrado de evitar porvindouros e terríveis sofrimentos para quem quer que seja e, sobretudo, para o nosso amigo. Conheço-o como distintíssimo cavalheiro e, sob minha palavra, garanto que ninguém mais que eu deplora tão tremenda desventura. Nem por isso ficou o sr. Alberto aviltado aos meus olhos, pois compreendo as cruéis torturas que o propeliram a tão desesperada resolução. Veja, entretanto, se o desvia do mal-fadado caminho!

Compreendes agora o alcance do teu erro nefando? Mediste bem a profundidade do abismo em que te precipitaste, ao resvalar do primeiro passo no íngreme despenhadeiro? Quanto foste imprudente, pobre amigo, e como te lastimo!

Ânimo! ânimo! o mal está consumado, convém remediá-lo. Não te deixes abater por tão extensa calamidade.

Mais do que pelo predomínio físico, se cativa a mulher pelos dotes do coração e do espírito. Não te faltam recursos para prender Luíza pelos únicos liames de que dispões. Importa delir da mente, de uma vez para sempre, a ideia prática dos meios artificiais, entestados com a infâmia. Reduze-a⁹ muito embora, por esse lado, à viuvez precoce e enche-lhe de carícias o vácuo, que lhe provém da abstenção do elemento material. Será fácil contentá-la; a mulher é tão resignada de natureza!

Aconselha semelhante procedimento, não o pecaminoso egoísmo, senão a sã virtude, justificada pela força das circunstâncias. O celibato, a profissão, a abstinência, são em todo caso preferíveis a qualquer meio ilícito e desonesto. Forçoso é, bem que te pese, conformares-te com o decreto da sorte, afivelando mesmo a

máscara do regozijo, ainda com o coração submerso no oceano da desventura.

Aí vem o tempo consolador, por excelência, das mais carregadas mágoas, precioso manancial de esperanças jamais esgotadas.

Alberto, ouve-me e convence-te!

XXII

DE ALBERTO DE FREITAS AO DR. PAULO DE ANDRADE (15 de abril)

Antes de dar um passo definitivo e meditadamente deliberado, nesta cruel situação a que me arrojou fatal imprevidência, permita-me, caro doutor, visto o acaso havê-lo tornado senhor do meu segredo, lhe manifeste franca e fielmente o conjunto das circunstâncias que a isso me decidem.

Tal confiança visa a dois fins: servirá de justificativa ao ato próximo e ministrar-lhe-á futuras precauções para o exercício da espinhosa missão de pai de família, que o amigo está provavelmente votado a preencher em tempo não remoto.

As minhas dificuldades atuais são apenas funesta consequência e expiação de anteriores desmandos, uns provocados pelo influxo dos meios, outros procedentes da índole que, por hereditariedade, me tocou por sorte.

Foi o internato o primeiro elemento dissolvente, cuja ação perniciosa se me repercutiu na individualidade. O internato, meu caro amigo, e principalmente o internato dirigido por eclesiásticos, esses ilotas da família, a cujos apetites naturais a sociedade impõe barreiras, levantadas por uma falsa moral, é fonte de incalculáveis perigos para a criança desprevenida.

Tão condenável instituição pedagógica como é, nem por isso calou ainda bem fundo no ânimo de governantes consciencio-

sos, para incitá-los a derrocá-la sem tréguas, sem escrúpulos, como peçonha corrosiva, inoculada no organismo infantil.

Arrebatada do lar doméstico, onde a vigilância e os carinhos maternos a resguardam da mácula exterior, e arremessada, a título de cultivo de espírito, nos torpes focos sociais, denominados colégios, a criança começa a perverter-se no contato de companheiros de todas as idades, todas as procedências e propensões, muitas vezes despejadamente adestrados na impureza pelas sugestões de um professorado ignóbil.

É aí que o neófito se sente despertado curiosamente para o esboço de uma função nova, paralelo orgânico de outra indiferente. Instruem-no em processo econômico e fácil de derivação de prazeres ignotos, facilitando-lhe, no ser moral, a entrada da mais infame das depravações pela porta da procriação infecunda. Ao depois ou simultaneamente, aos gozos do isolamento se lhe adjudicam análogos de aliança dupla, e os escaninhos do recreio, a penumbra dos dormitórios e até os esconderijos cloacinos testificam frequentes manipulações ou superposições odiosas.

Daí, além dos consequentes padecimentos físicos, cujo efeito é a efeminação e o esgotamento do sistema nervoso, a larga ceifa de virtudes, empreendida pelo vício asqueroso no campo da entidade moral. O desrespeito próprio engendra o rebaixamento da dignidade e o alheio o mais desastrado e petulante dos orgulhos. A pobre criança indefesa, seduzida pelos mais idosos e mais práticos, uma vez satisfeitos os caprichos dos dominadores, é vilipendiada e cala-se remordida, conhecendo o erro e atabafando covardemente qualquer reação impossível. Feliz, quando horro-

zada da própria degradação, encontra paradeiro na ladeira resvaladia, salvando-se do abismo na tábua do arrependimento.

A maior parte das vezes não sucede assim. Caminha a idade e trocam-se os papéis. Ora por vingança ou restabelecimento de créditos, ora pelo apetecimento do vício entranhado, o menino provector faz ao iniciado o mesmo que lhe fizeram; e alguns tanto se chafurdam pelo charco da podridão adentro, que jamais conseguem emancipar-se.

Passeie a vista larga pelo hospício social e verá quantas vítimas animadas existem da gafa, adquirida quase sempre na contágio dos colégios. Se se quiser dar ao trabalho ingrato de visitar a espécie de estrumeira teatral, estabelecida impunemente numa rua das mais frequentadas da capital, terá ocasião de ver para lá entrar, às noites de espetáculo, de parceria com meretrizes, rapazotes almiscarados, ressuscitados Batilos de Horácio, de pantalonas retesadas entre o cóis e a presilha, corretamente amoldadas às saliências avolutadas do corpo, a fim de realçá-las aos olhos dos coibiosos¹⁰. Repare nos meneios sarabandeados, nas olhaduras invidativas, no descaimento lateral do pescoço e em vários ademanes, parodiados da mulher degradada, e ficará em dúvida se esses nojentos modilhos pertencem realmente ao nosso sexo, ou se constituem grotescos disfarces do homem, a coberto do alcance das proibições policiais!

E tal exemplo ostentoso não se teme de afrontar descarado o asco da sociedade limpa! Quantos análogos descortinará nos recantos sombrios da clandestinidade! Não lhe será difícil ouvir apregoar, como sectários fanáticos de tão hedionda corrupção,

nomes proverbiais, aliás distintos a outros respeitos e altamente considerados!

— Mas, objetar-me-á o seu ânimo justamente indignado, semelhantes monstruosidades não podem perdurar em condições viáveis; terão fatalmente de extinguir-se nas garras da miséria, afiadas pelo desamparo público e provocarão a repugnância que inspiram os torpes receptáculos de matérias putrefeitas.

— Engano, meu honrado amigo! Há por aí, patinhando na vasa social, pituitárias tão embotadas às perfumarias usuais, que só se regalam de delícias na absorção do mefitismo das alfurjas.

Vê acolá aquele homem espadaúdo, de repas grisalhas, andar sacudido, fala vibrante e sarcástica para todos, porém melíflua e insinuante para os modernos Adônis? É sevandija dos citados esterquilínios. Um dia teve a lembrança de casar-se e, pouco depois, distribuía-se por sórdida bigamia. Seria capaz de transformar em impuro hermafrodita o segundo objeto dos seus amores, se a consorte verdadeira o permitisse.

Quando tiver filho pubescente, acautele-o do contato da abjeta alimária, para não se arriscar a vê-lo também contaminado. Não faz ideia dos engenhosos recursos de sedução, explorados pela seita dos imundos sátiros. Especiarias, bugigangas, chocarri-ces, o conjunto dos nonadas chochos, que tanto ferem e encantam a imaginação da meninice, tudo aproveitam os azevieiros para a obtenção do danado intento. E alcançam-no, porque a criança, na sua inexperiência, é por natureza frágil como o vidro fino que se estilhaça ao mínimo abalo.

Quer saber agora donde promana exuberante tão lastimável

laxidão de costumes? Estude o internato e verá que não fantasio. Se alguma vez com o escalpelo da observação dissecou fibra a fibra o espírito humano, terá notado as condições da ativa receptividade infantil para as impressões exteriores. Nessa fase da existência predomina o exercício da sensibilidade; a criança pouco raciocina, adere, sem sujeitá-la previamente à análise, a qualquer ideia derivada da sensação, e, o que é tudo, a ideia formada, móvel de porvindouras ações, grava-se-lhe tanto na lousa interna, que a esponja da razão é impotente para delir-lhe os traços fundos. Que intensidade adquirem os preconceitos de educação no amadurecimento da idade e da cultura intelectual!

Complete agora o justo horror que lhe estão a inspirar os nefandos produtos do internato, lembrando-se que as tristes prerrogativas, exaradas aqui, não pertencem exclusivamente aos indivíduos de nosso sexo e são, com maior ou menor número de variantes, deplorável apanágio dos internatos de meninas. Elas também, as desditosas educandas, de lá se retiram, em superabundância, rosas esmaecidas, lírios desbotados, pendidos do hastil, pelo bafo atrofiante do ambiente infeccionado. As heroínas de Belot, Safos hodiernas, entidades epicenas e anfibológicas da gramática da impudicícia, constituem seita muito mais extensa do que é dado supor, dispersa em rede emaranhada pelos interstícios sociais.

Tal foi, meu amigo, o lóbrego antro de perversidade, onde me vi soterrado, desde o verdejar dos anos. Comecei de ser o Antínoo de muitos Adrianos até subir à graduação de Adriano de muitos Antínoos. O principal dos meus requestadores foi o professor de português, homem versado em latinidades, onde bebeu

quicá os germens dos próprios indecoros. Distinguiu-me entre todos os condiscípulos, como o talento mais aproveitável e como tal apresentou-me ao diretor. Esses dotes, reais ou exaltados, valeram-me privilegiado acesso no seu aposento particular, onde me abarrotava de confeitos e especiarias, arrematadas adrede para prêmio do adiantamento. Em compensação, não havia paixão caprina com que não me enodoasse, de tal forma que nunca o deixava no aposento, sem lhe haver esvurmado toda a peçonha da impudica bostela.

Aos quinze anos mudei de colégio e de norma de vida.

Já me sentia estafado dos privilégios do favoritismo. Os motejos mordazes, as ironias repassadas de fel e ódio e, máxime, o asco que me votavam parte dos colegas, acabaram por me dissipar as névoas da inexperiência, em que me envolvera por dilatado tempo, confiado nas sofisticadas prédicas do preceptor.

Desenvolveu-se-me então a tendência de vingativa represália, revigorada pelo estabelecimento definitivo da puberdade. Atufulhei-me na ceva da depravação, com a indecência de que era capaz a idade ferosa e o temperamento incandescente. Atasquei-me até à boca no lodaçal de impurezas e, na retaliação excessiva, aproveitando antigas instruções, só parei às primeiras convulsões das consequentes epilepsias.

Nesse entrementes, meu pai, ou por iniciativa própria, ou por insinuação alheia, entendeu de bom conselho acudir-me aos reclamos das necessidades mundanas. Abasteceu-me de mesada farta e soltou-me as rédeas sofreadas da liberdade doméstica. Um amigo prático conduziu-me pelos meandros da carreira nova.

Os homens, moldados pela minha têmpera, encerram dentro em si próprios um gérmen fecundo de desventuras: a dose maior de imaginativa e a sentimentalidade mui suscetível. Tenta inutilmente a razão lutar com tão rebeldes vassalos; a pugna estabelece-se, mas a dominadora do espírito v  usurpada a soberania. Surge a desordem, a anarquia, o desenfreamento; e o estado ótimo pouco a pouco se decompõe.

Foi o que me sucedeu. Nos primeiros anos não ultrapassei certos limites; terminara o tirocínio escolástico e havia-me afei ado a uma infeliz rapariga, arrojada aos tremedais do vício pela maldade do homem. Distra ram-me, por tempos, do caminho de outras loucuras, essas relações de caráter um tanto estável.

Discorridos dois anos, embarquei para a Europa com o fim de aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos, nos grandes centros científicos da França, da Inglaterra e da Alemanha. Confiado em demasia no meu aparente critério, o autor de meus dias, opulento e carinhoso, com tal deliberação, concorreu, sem o pressentir, para me precipitar a queda. Logo que cheguei, tocado de curiosidade pelo aspecto das coisas ignotas e grandiosas, que me foram aparecendo, não tive ocasião de dar folga aos assomos sensuais. Os prodígios das artes, das ciências e das indústrias, as maravilhas do engenho humano me ocuparam completamente a atenção.

Após recreativa peregrinação por diversos países, fixei-me em Paris, onde tencionava levar a cabo os meus projetos.

Recebi então a notícia do infausto passamento paterno. De tão lamentável acontecimento data a série progressiva das minhas desventuras. Contava vinte e três anos, advinha-me por herança

uma fortuna colossal e possuía o prestígio de vantajosa conformação, incrementadora do vício. De mais a mais demorava em Paris, onde liberto da tutela paterna, perdi o único obstáculo, que se me pudera antepor com bom êxito aos desregramentos.

Em Paris, a Babilônia moderna, lavra endemicamente a febre da dissolução. As mulheres do segundo império, na gentileza, amabilidade e espiritualização sensível, são verdadeiras potências demoníacas, corruptoras das obras do bem com as seduições insuperáveis do inferno. Em terreno tão adubado, quão ubérrimo, eu não podia fugir ao cultivo fervoroso das orgias descabeladas. Dormia de dia e velava noites inteiras à luz amarelenta dos prostíbulos.

Merece-me demasiado respeito para me permitir que lhe desvende sem escrúpulos o quadro nauseabundo dos meus excessos. Para lhe dar aproximada ideia da realidade, basta referir-lhe que me tornei companheiro inseparável e respeitado do conde de Bobinaud, a maior celebridade crapulosa dos anais da devassidão parisiense, autor do famoso paradoxo de que a realização exclusiva do ato vulgar amoroso coloca o homem a par dos irracionais, cumprindo-lhe, para emancipar-se de tão aviltante pecha, o aperfeiçoamento do gênero, assinalado na transformação da mulher em máquina de omnicorpóreas sensações. Era assim que, para nós ambos, tudo quanto a pintura e a literatura pornográficas podiam imaginar de mais variegado e extravagante era ardeamente aceito e executado.

Na correnteza vertiginosa da dissolvente lubricidade não podia perdurar a integridade física sem grave abalo. Com efeito,

aos trinta e cinco anos de idade, comecei a sentir-me extenuado.

Se não fora talvez a constituição robusta por natureza, eu já devera ter sucumbido por essa época ao esfalfamento precoce. Dei outrossim balanço nos haveres e verifiquei grande desfalque de caixa. Resolvi então vir ao Rio de Janeiro regularizar os rendimentos e associar-me ao nosso amigo Pedro de Oliveira no estabelecimento, que ainda hoje dirige com tanta proficiência.

Mal havia assinado o contrato social e solidamente garantido o futuro dos meus haveres, quando, na insipidez da ociosidade, me atacou a nostalgia de Paris e a necessidade de voltar para lá aos hábitos inveterados.

Voltei, mas a extenuação caminhava a passos agigantados e de tal forma que, daí por pouco, tive necessidade de recorrer à ação da medicina.

Consegui o dr. Fleury, no seu estabelecimento hidroterápico de Bellevue, melhorar-me a culminação dos achaques patológicos; mas impôs-me o sábio professor um régimen, a cuja severidade eu não me quis sujeitar completamente, donde resultou a perda ulterior dos benefícios colhidos.

Por outro lado, foi-se-me tornando cada vez mais atribulada a assistência em Paris. Assoberbava-se tumultuosa a onda da saciedade e enfado consecutivo. Eu que, ao princípio, nas eras de vigor inquebrantável, fora procurado, requestado, endeusado pelas mais cobiçadas mulheres da vida galante, via-me agora, proscrito do amor, posto de todo à margem, preferido à maior parte, apenas tolerado pela sordidez do lucro e muitas vezes ridicularizado por motejos à boca pequena e comiserações ignominiosas. E,

então, no isolamento do gabinete, sós a sós com a consciência, eu remordia-me de inveja, ao considerar o meu triste estado, posto em confronto com o dos meus rivais, e deplorava as loucuras do passado, objurgando-me cheio de cóleras.

Uma noite, depois de vergonhosa retirada, em que recente insucesso me valera chasqueadores apupos de mulher que eu desejara ardentemente, recolhi-me, dominado de profunda tristeza e desânimo. Depois de me haver revolvido por compridas horas no duro leito de insônia, antolhou-se-me ao vivo o gracioso painel da família. Pensei na figura veneranda de meu pai, rejuvenescida e transportada à época, em que, derrancado em amores, osculava minha mãe, a embalar-me nos braços, desfeita em ternuras.

Acudiram-me reminiscências vagas da segunda infância, discorrida na chácara do Andaraí, entre flores e borboletas, almas carícias e esperanças verdes.

E, acompanhando o fio do pensamento, no entressonhar acordado:

— Não era preferível, reflexionei, que eu tivesse experimentado as doçuras familiares, imitando tão salutar exemplo? Em companhia de senhora digna e virtuosa, que distribuisse exclusivamente comigo o melhor das qualidades afetivas, que me fizesse provar o amor sem mácula e livre de interesses, que me permitisse devotada prole, reflexo da própria vida, prolongada na série dos tempos, não teria eu cumprido proficuamente a missão terrena, não me sentiria mais feliz, mais satisfeito, com a íntima remuneração de quem compreendeu e pôs por obra o dever sacrossanto, mantendo, ileso de impurezas, o legado paterno de virtudes?

E dor pungente, remordimento interno, exagerado pela exacerbação nervosa da insônia, apoderou-se de mim. O silêncio do quarto mergulhado em trevas, apenas interrompido pelo tique-taque monótono do relógio de parede, recrudescia-me ainda a mágoa funda. E, na jactitação, com os olhos escancarados, apareceram-me visões informes e ressoaram-me aos ouvidos batimentos metálicos de bigorna. Ergui-me de um salto, febricitante, e abri de par em par a janela. O ar gélido da noite fustigou-me a face ardente; erguia-se de baixo o tumulto surdo da rua e nos claros do alto céu, recamado de nuvens fugitivas, tremeluziam miríadas de estrelas.

A contemplação atenta da natureza sugeriu-me a concepção filosófica de Deus e a noção da vida futura. Eu era ateu, uma denegação viva da espiritualidade. Locke e Condillac, David Hume e o barão de Holbein, a série inteira dos materialistas antigos e modernos, ministravam-me o corpo de doutrinas coadunado com o meu intelecto. Para mim, como para Cabanis e Flourens, o pensamento era secreção do cérebro; a vida combinação de moléculas, decomposta nos elementos e na força de união pela ação da morte. A unidade, a independência do ser espiritual, repasto para a química subterrânea, encarregada de confundi-lo na grande massa universal. Depois da morte o aniquilamento do ser, o esquecimento eterno. Daí a ilação moral de ser a vida o gozo, o gozo de Sardanápalo, a inspiração precipitada dos perfumes das rosas, antes de emurchecidas.

Depois, um abalo íntimo, uma crispação inenarrável, me percorreu, como descarga elétrica, as fibras do ser. Os espetácu-

los sublimes haviam-me provocado em todos os tempos um moto extranatural que eu não pudera, nem pretendia analisar na modorra moral, em que me conservava imerso. Mas, ao influxo dos nervos irritados, naquelas circunstâncias anormais, encarei face a face o insondável problema e perguntei de mim para mim se a verdadeira felicidade poderia reduzir-se àquilo só.

— Como! o ideal é o gozo, o que equivale a dizer, é a saciedade? Viver é a submissão estúpida e tirânica à gleba dos sentidos? E nada mais? Se assim é, ó potestade soberana e criadora, eu pudera maldizer-te do alto da minha humilhação, e alçar para ti, como o anjo das trevas, o braço rancoroso da revolta!...

E levantava os punhos para a imensidade dos céus, ao mesmo passo que o ar da noite, osculando-me a face de mansinho, me evaporava as bagas de suor frio.

Mas o céu sempre tranquilo, imperturbável, cintilante, parecia sorrir-se-me condolente da mesquinhez, ostentando a solene majestade, através do infinito do espaço, nas asas do infinito do tempo!

Senti-me então dominado por uma calma confortadora.

— O universo é toda vida, raciocinei. Ali também naquela enorme estrela há seres que pululam, mais perfeitos que nós, sem dúvida, e que percorrem a vasta escala das transformações.

Por que não há de haver imortalidade? Se a filosofia é o terreno da pura hipótese, a geradora ubérrima da dúvida, não será melhor orientação admitir, como base fundamental da prática da vida, um princípio fecundo e consentâneo com a ordem natural que a tudo preside? Quem sabe? Não será isto mais que o prólo-

go do futuro livro do destino? Um preparo, um aperfeiçoamento para a ordem superior? Quem desvenda os mistérios d'além túmulo?

E se porventura for essa a verdade, que contas poderei eu dar da minha missão na terra? No augusto tribunal da eternidade, perante o juiz inflexível, curvarei a cabeça, corrido e vilipendiado ante a própria consciência, quando a auréola da glória coroar de esplendor inapagável a fronte de outros homens?

Não, é forçoso mudar de rumo, asseverei convicto. Aproveitem-se ao menos os anos restantes na labutação do bem. Para trás o covarde egoísmo, inepto, estéril. Votar-me-ei de hoje em diante ao exclusivo culto da pátria e da humanidade. Sinto-me ainda com forças para tal fim. E neste momento solene juro-o, no altar da consciência, sob o dossel do firmamento constelado — rematei, estendendo as mãos abertas pelo vazio do espaço.

Foi uma verdadeira transformação, meu caro doutor. Isto passava-se em abril de 1864¹¹, quando eu completara trinta e oito anos. Dissipou-se-me, como por encanto, a exaltação; recolhi-me ao leito e dormi sono tranquilo e profundo até às oito horas da manhã. Nesse mesmo dia tomei passagem para o Rio no primeiro paquete esperado da companhia *Messageries Maritimes*.

Quando, um mês depois, o gajeiro anunciou terras da pátria, senti dilatar-se-me em insólito contentamento fibras íntimas de há muito contractas.

— Enfim! balbuciei no desafoço de um suspiro, expectorando nas amplidões da atmosfera densa coluna de gás asfíxiante.

Ao abraçar-me a bordo, Pedro de Oliveira achou-me desfi-

gurado e teve sérias apreensões pela minha saúde.

Confessei-lhe, à pureza, os primeiros desmandos, o ulterior arrependimento e as disposições que me animavam a tornar-me útil para o diante. Com fervoroso assentimento, protestou ele desde logo aplainar-me o terreno, aprestando-se a facilitar-me todos os meios possíveis.

Encetei a série de estudos por investigações atinentes às necessidades da lavoura e do comércio. Foi-me fácil angariar ascensão e consideração no círculo dos colegas. Fiz parte de quase todas as associações comerciais importantes, onde cedo fui eleito para cargos elevados. Entrei na direção do banco do Brasil e conquistei as simpatias de algumas influências políticas, que me garantiram a deputação geral na primeira legislatura. Redigi também artigos de interesse público, bem acolhidos nas principais folhas da Corte.

Trabalhava febrilmente, desejando recuperar em pequeno prazo e em resultados práticos de importância todo o tempo desperdiçado inutilmente. Muitas vezes Pedro receoso de que eu enfermasse, vinha-me arrancar à mesa das labutações para digressões por ele maquinadas adrede.

Escoaram-se dois anos desta vida ativa. Uma noite o meu amigo convidou-me para uma festa de família no Andaraí, onde um capitalista comemorava estrondosamente o natalício da filha.

Foi nessa ocasião que vi Luíza pela primeira vez e com ela entabulei relações. Destacava-se tanto do grupo das outras senhoras concorrentes, que me quedei desde logo absorto, avassalado pela soberania das graças que a envolviam.

Dias depois fui visitá-la à sua casa, que, por coincidência, era justamente a mesma onde eu nascera e discorrera os primeiros tempos da infância. A modéstia, a gentileza, as prendas morais que a encarecem, acenderam-me o desejo ardente de possuí-la por esposa. Infelizmente verificou-se reciprocidade de simpatias e, apesar da nossa diferença de idade, reparei que ela não propendia menos para o consórcio.

Tremendo, insuperável obstáculo, porém, surdiu-me, formidoloso espectro, atrozmente entreposto aos olhos!

Quando uma lei da natureza é transgredida, a própria legisladora se encarrega de punir o transgressor, proporcionando-lhe ao delito castigo exatamente compensador. Que um corpo se desvie, no centro de gravidade, da vertical que lhe vai cair dentro da base de sustentação, e a consequência inevitável será o desequilíbrio e a queda. No exercício dos amores, abusei em demasia do compatível com as forças naturais. Era uma transgressão, a natureza despicou-se, neutralizando-me precocemente a atividade orgânica.

Tornei-me tabescente aos quarenta anos, quadra em que todo o vigor é ainda permitido à maioria dos homens. E, o que é ainda mais cruel, a deficiência não foi absoluta. Inflamava-me muito a miúdo a imaginação, em labaredas vorazes, o incêndio de indomáveis desejos. Se alguns preliminares, só exequíveis por indivíduos degradados do sexo, eram postos artificialmente em prática, podiam-se-me de alguma forma realizar as aspirações. No caso contrário, a consciência da fraqueza, o vexame, o receio do insucesso, a insensibilidade do embotamento, impossibilitavam-

-me toda tentativa frutífera.

Depois que amei Luíza, porém, elemento novo, extraordinário, intrometeu-se-me nas condições preexistentes. Perante a minha adorada ser-me-ia fácil alforriar-me do antigo pé de restrições? Deixadas fora de conta as qualidades corpóreas dela, jamais encontradas em mulher alguma, num tal requinte de perfeições, perdurar-me-ia paralisada a vitalidade, aquecida aos cintilantes raios do primeiro, do único, do verdadeiro amor? Não formava essa moça um ente à parte, tão diverso de todos com quem eu havia convivido até então? Não era certo que o contato puro do seu colo virginal operaria o milagre da ressurreição? Eu acreditava na solução positiva de tal questão melindrosa.

Não quis, todavia, arriscar o passo definitivo, sem fundamentá-lo justificadamente em competência de autoridades. Procurei, nesse intuito, o meu amigo, dr. E***, e expus-lhe francamente a situação, sem faltar a minudência alguma. Arranquei-lhe parecer favorável.

— Era mesmo esse, asseverou-me, o único meio de confiança curativo da sua enfermidade. Pedro de Oliveira, consultado também, contra a minha expectativa, ergueu-se-me formalmente contraposto à almejada resolução. Fechei-lhe ouvidos, menoscabando-lhe os argumentos.

Casei-me. Data-me desse dia fatal o longo e constante martirólogo. Defrontado com um tesouro de delícias, careci de forças para atraí-lo à minha posse.

Tântalo amaldiçoado, perseguido pelo estigma da física degeneração, apenas consegui umedecer na ânfora dourada os lábi-

os, calcinados pela febre de sede devoradora. Impotentes, impro-
fícuos me foram os mais bem-combinados esforços.

É bastante inteligente para avaliar até que ponto me atingiu o desespero. Em face da mulher amada, formosa, casta, rica de seiva e de exuberância, predestinada para o santo mister da família, eu ocioso, inerte, organicamente incapaz, senti-me defraudador da sublime prerrogativa, da preciosa herança, legada pela natureza a um dos seus seres mais prediletos, votado a honrá-la em si mesmo e na descendência.

Finalmente, no desalento da última esperança, repudiado pelo amparo da ciência, ridículo aos próprios olhos, num dia de suprema desolação, lancei mão de um recurso artificial.

Foi um sofisma réprobo, uma vitória de Pirro, precursora da inevitável e sucessiva catástrofe, que por um triz me abriu as portas do túmulo. Quis o acaso que o doutor não fosse estranho a essa desgraça.

Medi então o alcance do meu erro nefando e achei-me abominável, infame. O que fazer em tão extremadas condições? Como salvaguardar dos meus próprios atentados os direitos sagrados de minha esposa tão pura, tão imaculada? Como libertá-la de um destino inglório que a prejudica sanitária e moralmente? Como restituir-lhe, enfim, a auréola de esplendores, que a deve coroar no grêmio da sociedade?

Só há um meio, meu estimado amigo, de que lançarei mão, sem reboços, daqui a momentos. Toda esta carta não é mais que uma justificação desse meu ato perante o seu prezadíssimo conceito.

XXIII

DE ALBERTO A PEDRO DE OLIVEIRA

(16 de abril)

Pedro, o teu critério venceu-me a insensatez. Contraí uma dívida que me cumpre liquidar. Exige-o a boa razão e a justiça. Olha por Luíza e... adeus!...

XXIV

DE ALBERTO A LUÍZA (16 de abril)

Renunciar ao egoísmo próprio pela tua felicidade completa; abrir-te largo os horizontes do destino glorioso que mereces e de que eu te extorquia, vivendo; perder-te na convivência, mas ganhar-te na estima, na memória compadecida e grata; tais são as obrigações que me impõem circunstâncias imprevistas.

Chorar-me-ás sem dúvida, sentirás acerbamente a minha falta; mas, em câmbio, se te tornares a casar, como desejo e como encarecidamente te peço, convencer-te-ás de que não te enganei e que a tua ventura era incompatível com a minha existência.

Ouve os conselhos experientes de Pedro de Oliveira. Consulta-o em todos os passos da vida. É o melhor amigo que te deixo.

Adeus!... No momento em que se me apagar a luz dos olhos e rebentar-se-me de todo o fio da vida, nos meus lábios contraídos, o teu nome só, Luíza, será surpreendido pela gelidez da imobilidade!...

Conclusão

No dia 18 de abril de 1867, os leitores das folhas diárias do Rio de Janeiro comentavam uma local, inserta nos noticiários, que para aqui transcrevemos textualmente, escolhendo a que nos pareceu mais minuciosa e exata.

“Escrevem-nos de Petrópolis:

Suicidou-se anteontem, na sua residência, à boca da noite, o distintíssimo cavalheiro e considerado capitalista dessa praça, Alberto M. de Freitas, que para aqui viera, há meses, passar os primeiros tempos da sua vida conjugal.

Serviu-se para esse fim de um par de pistolas, que disparou simultaneamente nos ouvidos, penetrando-lhe os projetis na massa encefálica, como foi verificado na respectiva autópsia.

Não se sabe com certeza o motivo que levou o desditoso cavalheiro a tão lastimável atentado. Supõe-se, com visos de probabilidade, que muito concorreu, senão totalmente, para tal resolução, uma enfermidade que o afligia de há muito e que se exacerbava nos últimos dias. Consta mais que fora, há pouco, a Barbacena consultar o ilustre médico, Barão de P***, e que de lá voltara inteiramente desanimado de restabelecer-se.

Deixou três cartas: uma endereçada à sua jovem e inconsolável esposa, outra ao seu amigo e sócio Pedro de Oliveira e a última ao dr. Paulo de Andrade.

Concorreram-lhe ao enterro todas as pessoas gradas de Petrópolis, testemunhando assim as simpatias e a consideração de que gozava o ilustre finado.”

FINIS

Notas

¹ Imaginamos que houve um erro de revisão, pois parece que falta uma vírgula. Portanto, o correto é: “O olfato, enojado da maresia da praia, das combustões do carvão de pedra, [...]”. (N. E.)

² Acreditamos que a palavra “irreconciliar” foi usada no sentido de “conciliar”. (N. E.)

³ Pensamos que houve um erro de revisão e que há uma vírgula após “curtas”. (N. E.)

⁴ Não sabemos se a palavra foi utilizada com o sentido de “experto” (especialista, experiente) ou se apresenta a grafia antiga para “esperto” (sagaz). A primeira opção nos parece mais coerente. (N. E.)

⁵ Na edição de 1885, está “extreme”. (N. E.)

⁶ Na edição de 1885, está “soboreia”. (N. E.)

⁷ Na edição de 1885, está “inciado”; mas acreditamos que é um erro de impressão. (N. E.)

⁸ Na edição de 1885, está “não n’o sei”. Como não parece fazer sentido, optamos por alterar para apenas “não sei”. (N. E.)

⁹ Na edição de 1885, está “redul-a”, ou seja, “redu-la”. Atualmente, essa é uma forma correspondente à terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo “reduzir”. No entanto, o verbo parece estar empregado na forma imperativa referente a “tu”. Portanto, “reduze-a” é a forma correta. (N. E.)

¹⁰ Na edição de 1885, está “cabiçosos”. (N. E.)

¹¹ Na edição de 1885, o “4” está parcialmente apagado, de forma que também poderia ser “1”. (N. E.)